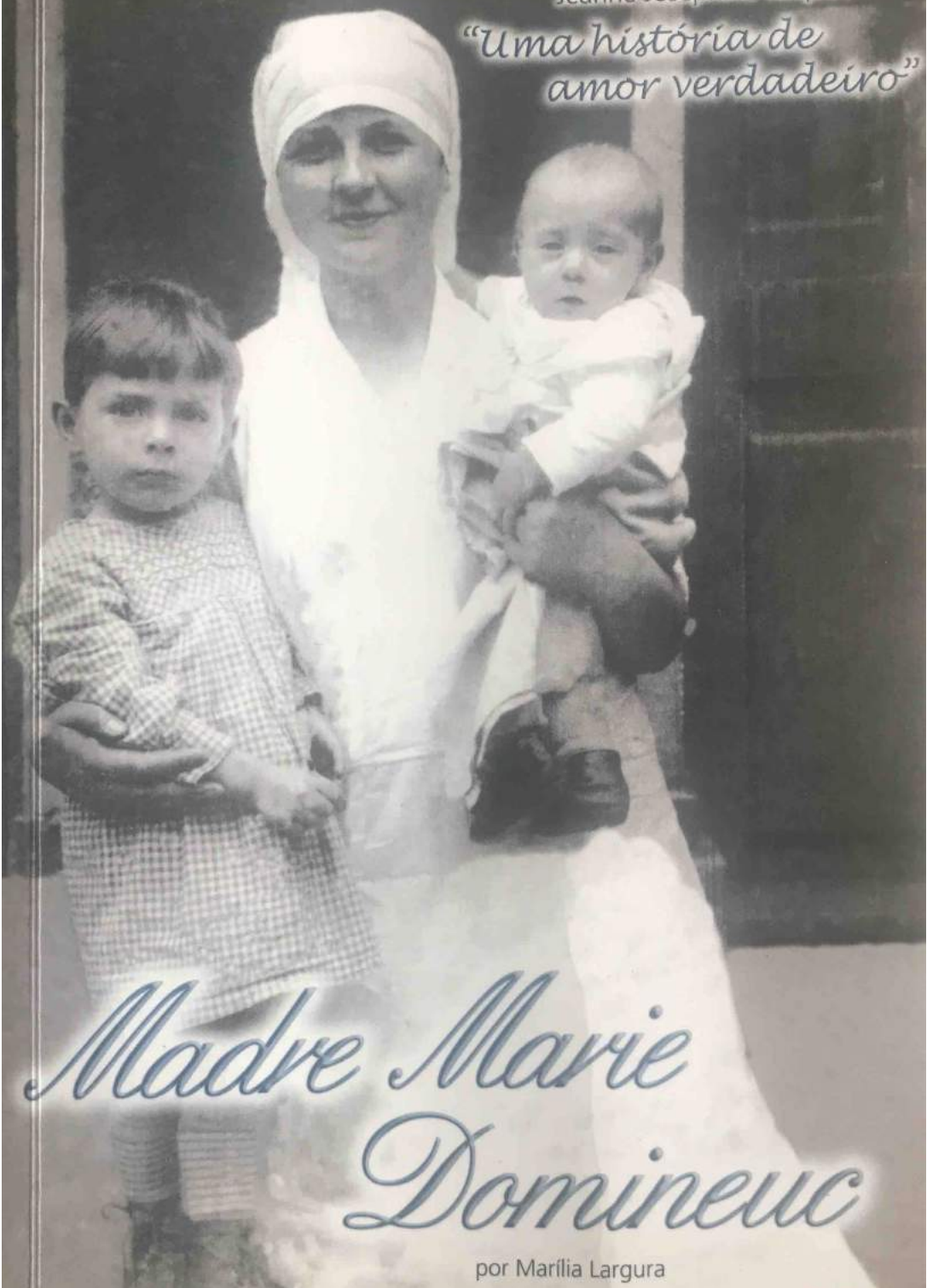


Jeanne Josephine Roquet

*"Uma história de  
amor verdadeiro"*



*Madre Marie  
Domineuc*

por Marília Largura

Jeanne Josephine Roquet

*“Uma história de  
amor verdadeiro”*

*Madre Marie*

*Domineuc*

por Marília Largura

Créditos

Coordenação Gráfica, Projeto Gráfico, Diagramação e Capa.  
Beto Comércio de Fitolito e Artes Gráficas Ltda.

Revisão  
Izilda Garcia Simões

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Fundação Biblioteca Nacional, Agência Brasileira do ISBN, RJ, Brasil)**

**Largura, Marília.**  
**18 / 05 /1935, Madre Marie Dominuec / Marília Largura;**  
**São Paulo: Ed. do Autor, 2007.**

**ISBN: 978-85-907280-0-9**

**CDD - 907.280**

Índices para catálogo sistemático:

Impresso



"A maternidade é uma particular comunhão com o mistério da vida. Relação única e irrepetível de doação plena"

Papa João Paulo II



# Agradecimentos

A Hermes Rodrigues Nery, que prestou auxílio na formulação deste livro.

## Dedicatória

A todas as pessoas que de boa vontade contribuíram para tornar possível e auxiliar as famílias assistidas na obra do Amparo Maternal. Às mães que lá residiam e que a partir de 1961 de forma espontânea e natural formaram a equipe que deu início ao Hospital: Ana de Cinira, Ana do Tatu, Arlete, Benedita Batista, Cida Santos, Diná, Ditona, Dolores, Cidinha, Cremilda, Esther, Filomena de Jesus, Galdina, Geni, Josefa, Isaura, Laudelina, Laura, Lourdes, Lucinda, Luizão, Luzia Bonifácio, Irmã Maria, Maximino, Nadir, Olécio, D. Rita, Tereza (mãe de Domitília), Irmã Tereza, Tereza Santana, Tertuliana, Vera Lúcia, Zélia.

# Prefácio

Só agora, depois de décadas consegui compreender a missão de Madre Domineuc no Brasil e no mundo.

Ela vivia no meio do povo de Deus para salvá-lo e resgatá-lo.

Esse povo que tinha deficiências e também qualidades, as deficiências ela combatia com energia e as qualidades sabia aproveitá-las ao máximo.

Sua trajetória foi idêntica a de Jesus. Sua vida pública, sua ascensão com momentos de glória e sua morte cercada da paixão e de muitas dores.

Tudo aceitou com humildade não se revoltando e nem acusando ninguém.

Como na vida de Jesus, não faltaram os militares romanos, sacerdotes do templo, os fariseus, o povo e os traidores. Estes últimos, covardes, se aliaram aqueles para conseguirem alguns benefícios ou mesmo porque tiveram muito medo. A carne é fraca.

O que me fez pensar é que ela, tendo nascido de uma família de ateus, tenha assimilado de forma global em seu próprio ser as verdades do cristianismo e as tenha vivido na sua plenitude.

Nunca desanimou de pregar o evangelho ao qual aderiu.

O que eu tenho certeza é que não só as mãezinhas que deram a luz no Amparo Maternal se beneficiaram de sua obra.

Muitos profissionais da saúde: médicos, enfermeiras obstetras, assistentes sociais e outros, tiveram oportunidade de

aprender como se acompanha uma parturiente, isto é, “a arte de partejar”.

Muitos talvez tenham crescido espiritualmente e deixado práticas materialistas. Muitos, quiça, tenham se convertido ao cristianismo e abandonado caminhos tortuosos anteriormente trilhados.

Sua obra foi no passado e é até o presente muito fecunda.

Este livro não pretende ser uma biografia. É somente uma coletânea de acontecimentos simples, na maioria extraídos da convivência pessoal com Madre Domineuc ou relatado por pessoas que a rodeavam.

A maioria das pessoas se tornam santos durante a sua vida, não depois da sua morte.

# Sumário

|  |    |
|--|----|
| “Que ela faça como todas as outras” .....  | 1  |
| A maternidade como ideal de vida.....  | 3  |
| “Quem vive do espírito de Cristo<br>não se deixa abater pelas dificuldades” .....  | 6  |
| O drama das mães solteiras.....  | 7  |
| Quem ama, é paciente.....  | 9  |
| “Depois de 1914-1918, o mundo não conseguiria<br>mais recuperar a força humanista que buscava<br>afirmar a vida sob valores edificantes” ..... | 12 |
| Do ceticismo à conversão: “a espiritualidade só<br>é autêntica se for capaz de transformar a pessoa<br>em verdadeira imagem de Deus” .....     | 14 |
| “Um ideal a partir de bases reais, das potencialidades<br>e limitações humanas” .....  | 17 |
| “O valor da Sagrada Escritura como impacto de conversão” .....   | 20 |
| O ingresso na Congregação das Franciscanas<br>Missionárias de Maria.....   | 25 |
| A vinda para o Brasil .....  | 25 |
| A Escola Paulista de Enfermagem .....  | 26 |
| Madre Marie Domineuc: enfermeira exemplar .....  | 32 |
| O Amparo Maternal: assistência e promoção<br>da mulher abandonada .....  | 38 |
| Madre Domineuc procurou viver a radicalidade do Evangelho .....  | 46 |
| A caridade está além da formalidade .....  | 49 |

|   |     |
|---|-----|
| A defesa permanente da vida .....   | 49  |
| “Ser fiel à doutrina católica causou-lhe muitos problemas” .....                      | 54  |
| A opção por uma vida mais autêntica, dedicada inteiramente<br>ao Amparo Maternal..... | 57  |
| Últimos tempos.....   | 61  |
| Seguem alguns apontamentos complementares sobre<br>Madre Domineuc:.....               | 66  |
| ANEXOS .....  | 105 |



## “Que ela faça como todas as outras”

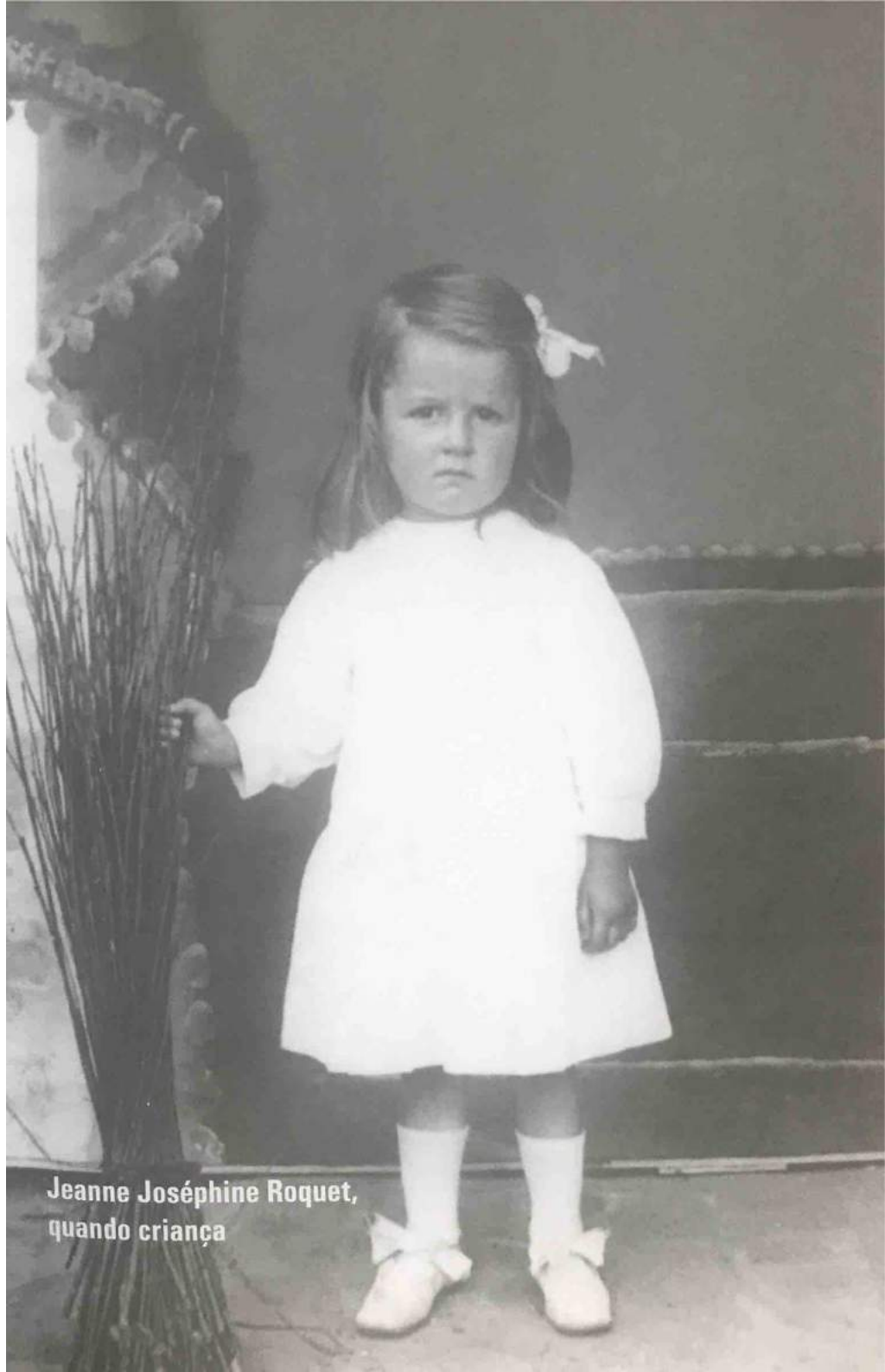
Jeanne Joséphine Roquet, filha de Honoré Louis Roquet e Marie Gautin, tendo uma irmã, Cecile Lejeune, casada com Charles Lejeune. E ainda tinha uma sobrinha, Odete Marin, casada com René Marin.

Joséphine trabalhava numa fábrica, nos anos 30, quando uma de suas colegas lhe confessou que estava vivendo um dilema do qual não sabia como resolver. Estava grávida, numa época que ser mãe solteira era inaceitável, seria estigmatizada pela sociedade e não contaria com nenhum amparo social.

Sensibilizada com a situação da moça, Jeanne foi conversar com o encarregado da chefia sobre o drama da companheira, tentando sensibilizá-lo a dar-lhe alguma ajuda naquela difícil circunstância. A resposta que ouviu chocou-a pelo pragmatismo: “Que ela faça como todas as outras”. Jeanne não entendeu o sentido daquelas palavras e atravessou a França para falar com sua



**Jeanne Joséphine Roquet**



Jeanne Joséphine Roquet,  
quando criança

mãe, a dona de casa Marie Rose Gautin. A mãe então lhe disse que o chefe da fábrica estava sugerindo que a mulher matasse a criança ainda no ventre, que a abortasse, como muitas outras já faziam naquele tempo.

Aquilo foi um choque para a alma sensível da futura religiosa franciscana, Madre Domineuc. Naquele mesmo instante, ela havia decidido em seu coração que algo precisava ser feito em defesa da vida. Teria talvez nascido ali a idéia do “Amparo Maternal”, dedicada a assistir integralmente a mãe necessitada.

O chamado de Deus à Madre Domineuc é muito abrangente. Ela é chamada a viver junto ao povo de Deus, com o mais pobre e abandonado. Dedicou-se à promoção da família desamparada pelo estado e pela sociedade.

## **A maternidade como ideal de vida**

Como ideal de vida, Madre Domineuc fez do amparo à maternidade e a família a grande causa de sua vida, seguindo os ensinamentos e recomendações da Igreja, sobre tema que se tornou uma problemática complexa do tempo atual, com conseqüências e desdobramentos

Honoré Louis Roquet  
e Marie Rose Gautin,  
os pais de Jeanne  
Joséphine Roquet,  
no dia de seu casamento.





que até hoje atentam duramente a dignidade da mulher e da vida, em todos os seus aspectos.

Numa mensagem do papa Pio XII sobre os direitos da família, proferida em Roma, no final dos anos 30, dizia o Santo Padre:

*“Diante dos nossos olhos aparecem em toda a sua dolorosa clareza os perigos que tememos possam advir a esta geração e às gerações futuras, do desconhecimento, da diminuição e da progressiva abolição dos direitos próprios da família. Por isso é que nos erguemos em defensores de tais direitos, com plena consciência do dever que nos impõe o nosso ministério apostólico. As angústias dos nossos tempos, tanto interiores como exteriores, tanto materiais como espirituais, os múltiplos erros com suas inúmeras repercussões, se há alguém que os experimenta amarissimamente é a minúscula e nobre célula familiar. É preciso, às vezes, grande coragem e, na sua simplicidade, heroísmo digno de grande admiração e respeito, para suportar as durezas da vida, o peso cotidiano das misérias, as indigências e estreitezas que crescem em medida jamais experimentada, e por vezes sem razão e sem necessidade. Quem se ocupa das almas e recebe as confidências dos corações, bem conhece as furtivas lágrimas de muitas mães, a dor resignada de inúmeros pais, e as muitas amarguras, que nenhuma estatística cita nem poderá citar, vê com verdadeira preocupação crescerem sempre mais esses sofrimentos, bem sabendo que às potências da subversão e destruição estão vigilantes e prontas a servir-se disso para os seus tenebrosos desígnios”<sup>22</sup>*

## “Quem vive do espírito de Cristo não se deixa abater pelas dificuldades”

Assistir a mãe necessitada passou então a ser para a jovem Jeanne, futura Madre Domineuc, um ideal de vida, bem de acordo com os princípios humanistas cristãos, assumindo tarefa tão difícil e heróica, que as palavras de Pio XII tão bem expressava, ao afirmar: “Quem vive do espírito de Cristo não se deixa abater pelas dificuldades que lhe vêm ao encontro, mas sente-se como que impelido a empregar todas as suas forças com plena confiança em Deus; não se esquivava às estreitezias e necessidades da hora, mas afronta suas asperezas, pronto sempre a socorrer com aquele amor que não poupa sacrifícios; é mais forte que a própria morte e não se deixa levar pelas impetuosas águas da tribulação”.<sup>3</sup>



A vida de Madre Domineuc, do começo

**O papa Pio XII e Madre Domineuc, nos anos 50: fidelidade ao Magistério da Igreja.**



ao fim, foi a experiência de uma existência que não se deixou “levar pelas águas da tribulação”, e buscou viver o espírito de Cristo, sem poupar sacrifícios. Sua personalidade forte e cativante, muito ao estilo de Teresa d’Ávila, permitiu a energia necessária para fazer vigorar uma daquelas muitas instituições nascidas no seio da Igreja, comprometidas com os últimos da sociedade.

## O drama das mães solteiras

O drama das mães solteiras, acentuado no Brasil, principalmente após os anos 60, traz em si a luta da Igreja em salvaguardar a instituição familiar, que sofreria, ao longo do século 20, abalos sem precedentes na história da humanidade.



**Irmã da Madre e Jeanne**

Nunca a família esteve tão ameaçada como nos dias de hoje, a pessoa humana tão aviltada, os valores da vida tão subjugados por uma lógica anti-cristã, que vem atingindo na base os fundamentos da sociedade.

“A mulher, ao acolher de Deus o dom da vida — diz Alicja Gzeskowiak — compreende a grandeza da própria vocação para a maternidade. Isto foi exprimido do modo mais completo por Maria no Magnificat: ‘porque me fez grandes coisas o Onipotente’. A maternidade é o vínculo mais estreito existentes entre as pessoas nas relações humanas. É uma comunhão particular: *communio personarum*. A maternidade é uma relação com dois sentidos. O filho dá à mãe a possibilidade irrepetível de partilhar o amor e ela mesma, com o próximo mais próximo, dá-lhe a possibilidade de cumprir o dom de si, no horizonte do mistério da vida que nela é concebida e que nasce dela”.<sup>3</sup>

A capacidade de sentir os sofrimentos da mulher e da mãe manifestou-se muito cedo na vida de Madre Domineuc, que aprendeu com a própria mãe, o valor da paciência como sinal de amor autêntico nas relações humanas, apontado por São Paulo, como um dos grandes sinais do amor, em 1 Coríntios 13. Quem ama, é paciente.

## Quem ama, é paciente

Jeanne Joséphine Roquet nasceu em 11 de novembro de 1911, numa família muito pobre da zona rural francesa. Seu pai, Honoré Louis Roquet (foto ao lado), oriundo de uma família de agricultores, fez um curso de “percyteur”, que o auxiliou a evoluir na escala social, tornando-se um



**Honoré Louis Roquet**

homem avançado para a época e em seu meio social. Com a eclosão da 1ª Guerra Mundial, foi ferido várias vezes em Verdun, sobreviveu, mas voltou para casa como inválido para toda a vida. As perturbações psicológicas e o estresse o tornaram um homem bastante agressivo. Não podia ouvir um barulho forte, que ficava violento, tomando atitudes de causar apreensão.

Certa vez, a mãe de Jeanne, estava debulhando ervilhas num prato, quando bruscamente ele jogou a vasilha no chão. Marie Rose, sem revoltar-se e com a paciência digna de quem mais compreende do que deseja ser compreendida, recolheu, uma a uma, as ervilhas de

volta no prato. Depois, recusando-se a aceitar a sugestão de Jeanne de interná-lo num asilo, disse: “Se nós que o amamos, o abandonamos, quem cuidará dele?”, E escreveu atrás de um retrato de sua mãe: “jamais a vi faltar à caridade”.

Sua mãe, natural da Bretanha, trabalhava como costureira nos castelos da vizinhança, onde morava. Este fato muito a auxiliou a evoluir em seus conhecimentos.

Era inconcebível, para a sua mãe, desamparar aquele com quem se comprometeu viver na alegria ou na tristeza, na saúde ou na doença, todos os dias de sua vida. O século 20 veria ruir, aos poucos, a mentalidade de compromisso e amparo familiar, especialmente aos mais idosos. Hoje, a situação de abandono é muito grande, quase ninguém tem mais certeza se será ou não devidamente assistido pelos filhos na velhice, sintoma este que se acrescenta a muitos outros fatores de esfacelamento da instituição familiar, que a Igreja tanto prezou ao longo dos séculos.

A 1ª Guerra Mundial (1914-1918) foi decisiva para criar as condições de desagregação da família. Com a morte de milhares de combatentes, quase todos homens, a Europa ficou com um número sem precedentes de órfãos. Este foi o fato histórico que provocou o



ingresso da mulher no mercado de trabalho, alterando assim, de modo substancial, a estrutura familiar. Após a 2ª Guerra Mundial, com o número mais elevado de mortos masculinos, o mercado passou a absorver mão-de-obra feminina, com remuneração mais baixa, criando assim um contexto de mais opressão á vida da mulher, que, tendo de trabalhar fora, já não podia mais exercer com plenitude sua vocação de mãe.

*“Mais de 8 milhões de homens perderam a vida na Primeira Guerra Mundial — foram mais de 6 mil mortes por dia. Com a Revolução Russa, a gripe, o tifo e os outros conflitos que prosseguiram até o início da década de 1920, provavelmente 13 milhões de europeus pereceram. A França perdeu 10% de sua população masculina ativa; a proporção foi ainda maior na Sérvia e na Romênia.*

*A maioria dos mortos era de jovens cuja ausência na Europa do pós-guerra teve profundas e devastadoras conseqüências sobre os remanescentes. Magnus Hirschfeld, o pioneiro pesquisador da sexualidade humana, definiu a guerra como ‘a maior catástrofe sexual que o homem civilizado já sofreu’. Durante o conflito, os papéis masculino e feminino modificaram-se drasticamente, já que as mulheres e crianças tiveram de defender-se sozinhas, sem marido nem pai. Depois de 1918 a família tradicional sofreu ainda mais: só na Alemanha havia cerca de 500 mil viúvas de guerra, e a maioria nunca se casou de novo.*

*Os homens que voltaram para milhões de outras mulheres levaram consigo as cicatrizes físicas e mentais de sua experiência. Eram ‘homens destruídos’ (segundo uma frase da época) e ‘pa-*

*triarcas feridos'. Incapazes de reintegrar-se na vida civil, assombrados pelas lembranças da guerra, muitos se suicidaram — os números aumentaram rapidamente no final do conflito —, ou buscaram esquecimento na bebida, ou tentaram reafirmar sua autoridade batendo nas esposas e nos filhos.” (Mark Mazower, *Continente Sombrio*, págs. 88-89).*

A infância de Jeanne Joséphine Roquet, como de sua família, transcorreu em meio à 1ª Guerra Mundial, com todas as angústias e incertezas do período, que viu morrer uma civilização. Para Alceu Amoroso Lima, que estava em Paris no momento da eclosão da grande guerra, aquela conflagração mundial foi o suicídio da civilização ocidental cristã. (Quando o mundo virá nascer pessoas da envergadura de Alceu Amoroso Lima, grande pensador católico?)

**“Depois de 1914-1918, o mundo não conseguiria mais recuperar a força humanista que buscava afirmar a vida sob valores edificantes”**

Depois de 1914-1918, o mundo não conseguiria mais recuperar a força humanista que buscava afirmar a vida sob valores edificantes. A guerra por si só foi des-



moralizante, em todos os aspectos. As gerações posteriores tiveram que lidar com um mundo em crise profunda, onde as instituições tradicionais já não tinham mais força. O entre-guerras foi mais terrível ainda, por causa da enorme insegurança geral, fazendo emergir ideologias totalitárias com níveis de violência e barbáridade em massa, sem precedentes na história.

*“O deslocamento na época do conflito e no pós-guerra destruiu inumeráveis famílias em todo o continente. Em 1947 havia cerca de 50 mil órfãos na Tchecoslováquia. Na Iugoslávia calcula-se que esse número chegava a 280 mil e que pelo menos 10 mil crianças sobreviveram à guerra escondendo-se nos bosques, em condições de absoluta penúria. Na Holanda, aproximadamente 60 mil crianças precisavam de ajuda, entre elas, os filhos dos colaboracionistas presos; em Bucareste, 30 mil não tinham teto. Só na Alemanha a UNRRA assistia cerca de 50 mil crianças, muitas das quais não sabiam mais quem eram ou de onde vinham”. (O Continente Sombrio - A Europa no século XX, Mark Mazower, pág. 222).*

Esta foi a problemática que sensibilizou, desde cedo, a jovem Jeanne. Ainda no tempo em que trabalhava numa fábrica do sul da França, foi tocada por este drama que atingia milhares de mulheres sem amparo, e algo precisava ser feito. Jeanne percebeu a dimensão deste drama social e humano. No Brasil, como religiosa, empenhou-se por fundar e manter uma instituição

específica para o amparo da família, que atendesse a mãe e a criança, especialmente as mais carentes.

*“Estudos sobre órfãos de guerra revelam uma variedade de traumas que muitos deles sofreram por causa de suas experiências. As crianças eram deprimidas, sérias demais para a idade e muito nervosas. Pareciam cínicas, desanimadas e descrentes de qualquer autoridade. Muitos achavam que a guerra produzira uma geração de antiidealistas. (...) Os pequenos órfãos desconfiavam de demonstrações de afeto, eram propensos à violência e, muitas vezes, perigosos. Sua emancipação do domínio da lei moral podia manifestar-se no crime, em repentinos e incontroláveis acessos de raiva ou em brutalidades com crianças menores ou mais fracas. Todavia, sua atitude displicente diante da violência também se revelava em suas brincadeiras. (...) Muitos desses padrões de comportamento acabaram sendo superados graças a uma dedicação contínua”.* (Continente Sombrio, Mark Mazower, págs. 222-223).

**Do ceticismo à conversão: “a espiritualidade só é autêntica se for capaz de transformar a pessoa em verdadeira imagem de Deus”**

Em meio ao clima da guerra, era natural que muitos cresciam sob o impacto de ceticismo. Com Jeanne não foi diferente. A sensibilidade que tinha ainda era insuficiente para uma adesão mais consciente à fé cristã, fato

este que somente vai acontecer quando, aos 13 anos, sofreu, um acidente, chocando-se com um cavalo ao tentar defender sua avó, que ia ser pisoteada pelo animal. Jeanne fraturou a perna e precisou ser internada e completamente engessada. Quando estava sendo internada, mostraram-lhe uma cruz dourada que ela rejeitou fortemente, com violência, dizendo para tirá-la da sua frente.

Ela tinha horror ao farisaísmo e achava que muitos clérigos assim agiam, quando se acomodavam em seus postos e ignoravam os abusos de poder. A ignorância da população que não tinha acesso a informações e facilmente eram seduzidas por fórmulas fáceis e simplistas acerca do sentido da vida, não tendo meios para avaliar de forma crítica certas imposições culturais. Para Jeanne, a espiritualidade só seria autêntica se fosse capaz de transformar a pessoa em verdadeira imagem de Deus, dando-lhe condições concretas para que a dignidade e os valores fossem vividos a partir da base; no compromisso pela vida, desde as menores necessidades do cotidiano.

Seu ceticismo inicial, como crítica do farisaísmo reinante, inclusive no seio da própria Igreja (e que, ao longo da vida, não deixou de criticar abertamente),



não significava descrença em Deus e na verdade do seu reino anunciado por Jesus.

Mas a conversão à sã doutrina, da qual a Igreja Católica é guardiã e mestra, sendo ela “perita em humanidade” (Paulo VI), deu à Jeanne o suporte que precisava para manifestar sua vocação de mulher dedicada ao amparo da vida, especialmente em situações de fragilidade, como, no caso das crianças órfãs ou filho de mães solteiras, que precisavam ser acolhidas numa instituição comprometida com a formação com valores de vida e promoção à pessoa humana. A jovem Jeanne, até então cética em alguns aspectos, compreendeu que no seio da Igreja (santa e pecadora), teria meios para melhor evangelizar através de uma ação concreta. A vida religiosa apareceu-lhe a via necessária para expressar sua missão educadora. Mesmo como religiosa, manteve-se crítica ao farisaísmo, uma certa independência e sinceridade, que incomodava os que se aproveitavam do status religioso para tirar vantagens pessoais, usufruir privilégios, acomodar-se à segurança, muitas vezes explorando o trabalho alheio, etc.

A conversão de Jeanne, não foi um processo fácil, sendo contínuo em toda a sua vida. Por isso sempre foi exigente demais consigo mesma, evitando elo-

gios, porque sabia da fragilidade da fama do mundo. O julgamento do mundo nunca é parecer definitivo. É apenas uma opinião, circunscrita aos interesses do momento. Somente Deus tem o julgamento real, a partir da verdade do coração humano. Como São João da Cruz tão bem definiu: “seremos julgados pelo amor”. Jeanne sabia que a “verdadeira santidade implica sinceridade e simplicidade, até as mais profundas camadas da personalidade. Como vivia, por exemplo, São Francisco, longe da mistificação, do “angelismo”. Acontecendo ser louvado como santo, muitas vezes dizia: Ainda posso ter filhos e filhas; não louveis a um homem ainda não seguro. Não se deve louvar a ninguém cujo fim ainda é incerto”. (D. Valfredo tepe, 55).

### **“Um ideal a partir de bases reais, das potencialidades e limitações humanas”**

Encarava a vida com realismo e sabia das dificuldades em concretizar os melhores ideais. Seu projeto de “amparo à família” deveria ser uma obra de perseverança, paciência e confiança em Deus, porque Ele é quem permitiria os meios adequados para a sua realização. Jeanne rezou muito para que aquela obra nasci-

da em seu coração, não fosse um ideal irreal, mas devia partir da realidade. Tinha bem clara a concepção de que só a espiritualidade “a partir da base” (A. Grümm) daria o alicerce que precisava para solidificar tal empreendimento. Era o que tinha em seu pensamento, um realismo cristão, de oração e trabalho contínuo, de conhecimento profundo da natureza humana, daí sua adesão à Igreja, “perita em humanidade”. Seu ideal parte de bases reais, das potencialidades e limitações humanas. “Não fuja de nossa realidade para um mundo irreal, que talvez lisonjeei a nossa vaidade e nossas aspirações desmedidas! Temos de aceitar a nossa realidade, não por conformismo resignado, mas como potencial com que podemos trabalhar; fazendo-o render, fazendo-o desdobrar-se dinamicamente em direção do ideal que corresponda a nossas realidades”. (O Sentido da Vida, D. Valfredo Tepe, 55).

O acidente sofrido por Jeanne foi um marco em sua vida, fê-la pensar melhor sobre a pedagogia de Deus em nossa vida, e permitiu que ela entendesse de uma vez por todas, a misericórdia divina, o amor de quem é Senhor da vida, e tudo faz para preservá-la .

*“Todo homem é chamado à conversão a Deus, a unir-se a ele com fé e amor, a estabelecer com ele colóquio de intimidade. Mas não é possível encontrar Deus se ele mesmo não vem ao nosso en-*



*contro. Poder conhecê-lo e amá-lo é dom do Espírito. O profeta Jeremias suplicava: 'Converte-nos a ti e nós nos converteremos' (Lm 5, 21)."*(*Conversão, Dicionário de Espiritualidade*, pág. 202).

O hospital onde Jeanne ficou para restabelecer-se de seu acidente era administrado por religiosas. Aquela pausa de sua vida, propícia à reflexão, pareceu o momento adequado para que Jeanne tivesse um contato maior com a Sagrada Escritura, trazida por um sacerdote.



**Mãe de Madre Domineuc**

## “O valor da Sagrada Escritura como impacto de conversão”

Jeanne achava que havia muita idealização em muitos relatos bíblicos, e chegou a perguntar para uma das freiras, se elas realmente acreditavam naquilo do jeito como conta o relato sagrado. Ela sabia que muitas pessoas tomam o sentido ao pé da letra e ficam obcecadas até por idéias fixas e fórmulas simplistas a respeito da complexidade da vida humana. Havia tido falta, em sua formação, de um contato maior com a Bíblia. Talvez isso lhe deixou por tanto tempo alheia ao conteúdo das Sagradas Escrituras, não tendo sido cultivado, desde criança, o apreço pela leitura dos textos sagrados.

Mas, enquanto estava em convalescença, resolveu folhear as páginas da Bíblia, e para surpresa das religiosas, foi envolvida por uma misteriosa motivação interior a prosseguir na leitura, passando de livro em livro, com um tal entusiasmo, que passou a noite toda lendo, amanhecendo ainda absorvida pelo que havia lido.

Em seu coração, começou a entender a associação misteriosa do Antigo com o Novo Testamento, o sen-

tido da nova aliança, o impacto de Jesus na história, e a verdade do reino anunciado pelo Filho de Deus. Viu claramente como Deus preparou cuidadosamente a humanidade, desde Abraão até João Batista, especialmente através dos profetas hebreus, para tornar-se presença salvífica no mundo, como Emmanuel, isto é, Deus conosco. Deus que caminha junto com a criatura, permitindo a salvação de cada um, reforçando sua promessa de “vida em plenitude” para todos, especialmente os arrependidos, que passaram a ter uma vida nova, fazendo da conversão a expressão da vida autêntica, de acordo com o que propôs Jesus.

A leitura da Sagrada Escritura, naquela noite e nos dias subseqüentes, teve um efeito decisivo na vida da jovem Jeanne. Não demorou muito para ela se convencer de que ela tinha de afirmar o seu “sim” a Jesus, servindo-o no seio da Igreja. Mais tarde, quando teve acesso às leituras pontifícias, a vida dos santos, e outros documentos da Igreja e escritos sobre testemunhos da vida de fé, foi compreendendo, mais a fundo, o mistério da presença da Igreja no mundo, instituída por Jesus, com a Eucaristia, e até hoje presente em todas as nações. Uma instituição que perdura há dois mil anos, só pode ter sido mesmo fundada por Jesus Cristo, confirmando o que dissera aos apóstolos: “Céus e



terra passarão, mas minha palavra permanecerá até o final dos tempos”. A Palavra da Salvação fê-la entender também o sentido da tarefa materna da Igreja.

*“Realizar esta obra de regeneração, adaptando os seus meios às modificadas condições dos tempos e às novas necessidades do gênero humano, eis a tarefa essencial e materna da Igreja. A pregação do Evangelho, imposta pelo seu divino fundador, em que se inculca aos homens a verdade, a justiça e a caridade, e o esforço para arraigar nas almas e nas consciências os seus preceitos, eis também o trabalho mais nobre e frutuoso em favor da paz. A grandiosidade de tal missão quase que esmorece os corações daqueles que fazem parte da Igreja militante. Mas o empenhar-se para que seja difundido o reino de Deus, coisa que cada século procurou realizar de vários modos, com diversos meios e não poucas e duras lutas, é um dever imposto a todo aquele que a graça divina arrancou das garras de Satanás e que com o batismo elegeu cidadão daquele reino. E se o pertencer a esse reino, o viver segundo o seu espírito, o trabalhar pelo seu incremento e o tornar acessíveis os seus bens também àquela porção da humanidade que ainda dele não faz parte, equivale em nossos dias a dever afrontar oposições vastas e tenazes e minuciosamente organizadas, isso a ninguém dispensa da franca e corajosa profissão de fé, mas antes deve incitar a ser firme na luta, também a custo dos maiores sacrifícios”. (Summi Pontificatus, 60, pág. 39).*

O efeito imediato que a leitura atenta da Sagrada Escritura provocou na jovem Jeanne foi desejar ardentemente receber a Eucaristia e fazer sua profissão de fé

no Cristo Ressuscitado. Fez muitas perguntas para as religiosas, sobre tudo o que havia lido, recebendo respostas que lhe deram um ânimo novo, passando a ver a vida com um sentido mais profundo. A partir de então, aceitou a vida consagrada como via necessária para o empreendimento da obra que almejava realizar.

*“A comunidade cristã, à medida que é verdadeiramente ela mesma e que se constrói em torno de Cristo, é soberanamente livre, porque se rege somente pelo amor de doação. É altamente indicativo o fato de ao apóstolo Paulo na primeira epístola aos Coríntios, depois de haver falado do significado da memória eucarística da morte de Cristo e de haver deduzido que os diversos carismas superam a dialética da competição, aceitando e procurando ser maciçamente eles mesmos para poder prestar de maneira excelente seu serviço aos outros e à comunidade, concluir com seu magnífico hino ao amor. Talvez nenhum documento neotestamentário tenha sabido captar com tanto acerto a relação entre eucaristia-sacrifício e eucaristia-banquete para daí deduzir o dinamismo vital da comunidade cristã”. (Eucaristia, Dicionário de Espiritualidade, Pág. 365).*

Ainda sobre sua conversão, há um dado interessante: quando Jeanne tirou o gesso e pôde, depois de muitos dias acamada, respirar fora do quarto, foi deixada em um jardim em frente o hospital, para que pudesse tomar o sol. Eis que ela conseguiu voltar para dentro, mesmo com grande esforço, sem o auxílio de ninguém.



**Madre Domineuc, no dia em que recebeu o hábito de Franciscana Missionária de Maria.**



Estava renovada como pessoa, em todos os aspectos, físico e espiritual. Mais uma vez ela sentiu a presença de Deus em sua vida, erguendo-a e preparando-a para a missão evangelizadora.

## **O ingresso na Congregação das Franciscanas Missionárias de Maria**

Tinha 18 anos, quando ingressou na Congregação das Franciscanas Missionárias de Maria, em Chatelet. Teve de enfrentar inicialmente a resistência de sua própria família, inclusive da sua mãe, quando comunicou seu desejo de se tornar religiosa. Seriam os primeiros obstáculos que teve de vencer para fazer afirmar seu ideal de vida.

## **A vinda para o Brasil**

Madre Domineuc chegou ao Brasil em 13 de outubro de 1935. Veio para São Paulo onde desempenhou papel importante na fundação da Escola Paulista de Enfermagem e na consolidação do Hospital São Paulo, da Escola Paulista de Medicina, juntamente com sua Congregação das Franciscanas Missionárias de Maria.

Tenho para mim que Madre Domineuc, quando veio para o Brasil, não tinha em mente criar o “Amparo Maternal”. Quando Jesus chama, nunca fala porque chama, apenas diz: “Vem e segue-me”. Aceitando, nós só sabemos muito mais tarde, qual a tarefa que Ele nos dará para ser cumprida. Não tenho dúvidas que Madre Domineuc tinha uma predileção especial pelas crianças, o que demonstrou claramente em seus últimos meses de vida.

## A Escola Paulista de Enfermagem

Madre Domineuc passou então a ser uma das figuras dominantes naquele começo da formação da escola Paulista de Enfermagem, marcante pela sua energia contagiante, criatividade e dinamismo.

Vale destacar o depoimento em um texto em que descreve o período:

*“Quando, em 1937, já em Vila Clementino, tiveram início as atividades assistenciais da escola Paulista, ficou evidente a necessidade de criação de uma escola de Enfermeiras, que, no Brasil, deveria ter como modelo a escola Ana Néri, do Rio de Janeiro. A idéia tomou corpo por iniciativa do Prof. Lemos Torres e entendimentos do Prof. Álvaro Guimarães Filho com D. José Gaspar de Afonseca e Silva, então Arcebispo Metropolitano de São Paulo.*

*Sua Exa. Revma. já havia contatado com idênticos objetivos a Congregação das Franciscanas Missionárias de Maria.*

*A 14 de dezembro de 1938, a Diretoria, por delegação do Conselho Técnico-Administrativo, oficiava à Revma. Madre Geral fazendo a proposta de criação conjunta de nova Escola de Enfermagem em São Paulo. Sob a égide da Arquidiocese, com o beneplácito da Divisão do Ensino Superior e após contrato com a Congregação das Franciscanas Missionárias de Maria, os cursos tiveram início a 15 de março de 1939, ficando assim constituído o primeiro Conselho Diretor da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo: Álvaro de Lemos Torres, Álvaro Guimarães Filho, Madre Marie das Dores e professores: Pedro de Alcântara, Moreira da Rocha, Madre Marie Domineuc e Madre Marie de Fontenelle.*

*A Escola Paulista de Enfermagem deve a solidez de seus princípios morais, à orientação segura, baseada na ciência e visando a assistência global do ser humano, à herança deixada por suas fundadoras, entre as quais se destacaram as Madres Marie de Fontenelle, Hermana Joseph, Marie de Lenaik, Marie de Saint Domic e Marie Domineuc. Esta última teve e tem grande atuação no cenário da enfermagem nacional, cooperando para a organização de congressos de enfermagem, associação de classe, fundação de escolas superiores de enfermagem e de auxiliares de enfermagem. Juntamente com alguns professores da EPM, organizou e dirigiu uma instituição de proteção à mãe desamparada, o Amparo Maternal de Vila Clementino.*

*(...)*

*Madre Marie Domineuc, por sua vez, com suas irmãs e suas alunas, era o pace-maker de uma enfermagem de alto nível a sacudir o marasmo da profissão e a realçar a extraordinária importância desta para o país. Pode-se dizer que, sobretudo com a atuação de Madre Domineuc, a nossa sociedade passou a considerar a enfermagem como profissão das mais dignas para a mulher brasileira.*

*A primeira turma data de 1941 e a escola conferiu, até 1975, 1266 diplomas ou certificados assim distribuídos: Enfermeiras 393, Enfermeiras Obstétricas 234, Enfermeiras de Saúde Pública 153, Enfermeiras Médico-Cirúrgicas 22, Enfermeiras Pediátricas 39, Enfermeiras com Complementação Pedagógica 17, Enfermeiras do Trabalho 45, Auxiliares de Enfermagem 204, Auxiliares de Enfermagem do Trabalho 159.”*

Acho importante ressaltar os pontos positivos e as realizações de Madre Domineuc. Isto porque ela foi muito perseguida, caluniada e morreu no quase esquecimento de todos, que receberam dela ajuda e auxílio. Traço um paralelo entre a sua vida e a de Jesus. Só não foi cruxificada, porque não estávamos no tempo dos romanos. Mas foi cruxificada de uma outra forma, bem ao gosto da burguesia brasileira. O objetivo deste trabalho é o de fazer um relato dela e, principalmente, do seu pensamento absolutamente dentro da Igreja Católica e de seus ensinamentos.



Ainda no mesmo trabalho, o autor faz outras interessantes considerações:

*“Fui padrinho de formatura das nove diplomandas de 1944: Mariana Augusto (oradora da turma), Clara Schneeman (Irmã Joana), Agnes Edler (Irmã Terezinha), Ruth Politi, Maria Isabel Faleiros, Rosa Guedes, Valeska Pellenz, Maria Margarete Behlan e Bernadete de Lourdes Abs.*

*Em solenidade festiva, a 20 de março de 1944, presentes o Prof. Álvaro Guimarães Filho, diretor da Escola Paulista de Medicina, as Revmas. Madres, Professores convidados pronunciei as seguintes palavras:*

*Foi com prazer que aceitei o convite para padrinho de formatura das Enfermeiras do Hospital São Paulo que hoje, nesta solenidade, recebem com brilho nos olhos e coração contente diploma tão desejado e tão merecido.*

*Eu confesso agora, muito entre nós, que aquele prazer se modificou ao ver diante de minhas folhas brancas de papel à espera de frases bonitas e sisudas, nos moldes dos longos discursos habitualmente proferidos nestas ocasiões. As minhas afilhadas não terão hoje, felizmente, nem a quilometragem das laudas e nem as frases em latim. Se o espírito de Demóstenes reclamar, melhor para a escolhida assistência que aqui compareceu, apesar da possibilidade de oração prolongada!*

*Queridas diplomandas: Tudo fizemos na Escola Paulista de Medicina, as vossas mestras as Revmas. Madres e os vossos profes-*

sores, para que tivesseis curso efetivo e sério, sobretudo para que o diploma que hoje recebeis não seja adorno de sala de visitas.

Desejava continuar no tom das nossas palestras de classe mas não posso fugir ao dever de alguns conceitos que esta solenidade exige e a minha razão impõe. Falei-vos uma vez na conhecida doença dos brasileiros; O Ufanismo. Tudo no Brasil é grande e belo: os nossos rios, as nossas florestas e a riqueza do nosso sub-solo. Tudo é grande menos o homem comum, inculto e fraco, mal ajudado para se tornar sadio e merecedor da terra que lhe coube por sorte na distribuição dos bens deste mundo. Somos povo inculto, doente e pobre e este diagnóstico, embora dorido, não sofre contestação. Acabemos, pois, de vez com estas vaidades tolas de maior nação do globo, nisto ou naquilo, mas coloquemos também ponto final nas nossas lamentações e jermiadas improficuas. Vamos à Terapêutica: ensinar e educar o Povo, que é, em suma tratar do Brasil - Gigante que dorme para a alegria de poetas e gáudio dos políticos. Acordemo-lo. Se a estrutura de um País se fundamente na saúde e na educação de seu povo, a professora e a enfermeira alicerçam a nacionalidade. Sois educadoras e enfermeiras, daí o meu dever ao acentuar que o diploma que hoje recebeis não significa apenas capacidade e obrigação de cuidar dos doentes e ensinar regras de saúde, mas, sobretudo, de zelar com redobrado carinho do mais querido dos Enfermos, daquele que clama dia a dia pelos nossos cuidados - o Brasil. Graças a Deus, o nosso Doente tem a pujante resistência dos organismos novos cheios de viço. Basta ajudá-lo com o nosso esforço. Estou certo de que cuidareis bem dele por toda a vida. Sois professoras e enfermeiras, algumas

*vestindo também o hábito religioso que santifica a vida longe do bulício do mundo e perto das alegrias do céu.*

*Queridas diplomandas: escolhestes uma profissão na qual os dias de ventura se contam nos dedos e os pesares como os seixos dos rios ou as folhas das árvores... A única promessa confortadora do vosso Paraninfo no dia de hoje é que a satisfação interior e a convicção de vossa utilidade compensarão de sobra todos os dissabores. Apreciar essa paga, aquilata-la na devida conta, não é apanágio de muitos e eu acredito sinceramente que pertenceis ao pequeno número dos que prezam tal recompensa. Se merecemos de Deus, mais do que os passarinhos dos céus que não semeiam e nem colhem e mais do que os lírios dos campos que não trabalham e nem tecem, vós mereceis muito mais por que sois como o bom samaritano da estrada de Jerusalém a Jericó.*

*Minhas antigas alunas: Levai para os recantos do Brasil, onde, por ventura, ireis exercer os mistéres abnegados da vossa profissão, a energia do vosso esforço e a luz da vossa capacidade, sede testemunho vivo de que esta Casa timbra em forjar obreiros para a grandeza de nossa Terra e felicidade de nossa gente”.*

*Professor José Ribeiro do Vale*

## Madre Marie Domineuc: enfermeira exemplar

Foi isso que Madre Domineuc quis empreender em suas atividades como enfermeira, que foi um verdadeiro apostolado: “ensinar e educar o Povo, em suma, tratar do Brasil”

Em tudo o que fazia, era exigente mais consigo própria do que com os demais, apesar de ser bastante criteriosa com todos. No entanto, por conhecer bem as limitações humanas, e antes de julgar e condenar,



**Madre Domineuc recebe diploma no XXVI Congresso Brasileiro de Enfermagem - Curitiba - 14 a 20 de julho de 1974**



buscava amparar, ajudar, orientar, ensinar, mostrar possibilidades. Nisso encantava, e causava admiração. Se percebia o talento natural de alguém para a profissão de enfermeira, e se esse talento não fosse somente habilidade técnica, mas, principalmente, percepção afetiva e entrega amorosa, então, Madre Domineuc dava todo apoio, criando aquele clima favorável para o desabrochar das melhores habilidades. Nisso era mais do que enfermeira, mas educadora.

Madre Domineuc, desde os tempos da Escola Paulista de Enfermagem, depois no Amparo Maternal, por durante muitos anos, levou muito a sério seu ofício e não transigia com procedimentos ético-morais que contrariassem os princípios cristãos fundamentais. Era uma mulher realmente interessada no outro, em procurar aliviar o sofrimento alheio, em amparar os desassistidos, em dar calor humano às pessoas que a procuravam, especialmente as mais pobres, as mais marginalizadas socialmente. Pelo seu nível intelectual e social, Madre Domineuc não se deixou levar por um intelectualismo frio e improdutivo, pelo contrário, estudava a doutrina da sua Igreja, as novas técnicas de enfermagem, cuidava da alimentação, da prevenção e de tudo o que pudesse dar condições adequadas de vida decente às pessoas, não apenas do ponto de vista material, mas também espiritual.

Outra característica sua era a franqueza com que expunha seus posicionamentos, indo direto ao assunto, e defendendo com vigor seu pensamento, animando, entusiasmando, para desespero muitas vezes daqueles que preferiam a via larga do comodismo. É evidente que, desde os primeiros meses de atividades como enfermeira, e depois no Amparo Maternal, de Vila Clementino, Madre Domineuc fosse adquirindo respeito, mas também o desafeto de muitos que se sentiam incomodados com o seu carisma, a sua determinação e coragem em viver os valores em que acreditava. Não foi fácil, portanto, para ela, conviver com as próprias colegas da Congregação, muitas delas ótimas companheiras, mas outras nutrindo sentimentos de inveja e despeito pelo que Madre Domineuc ia conseguindo realizar, principalmente pelo carinho que tinha dos mais desafortunados.

A sua preferência pelos mais fragilizados também era outro fator que lhe traria muitos dissabores e incompreensões. Ela tinha uma autêntica “sede e fome de justiça”, daí porque era capaz de deixar tudo o que estava fazendo, para acudir um necessitado, levá-lo até as dependências do hospital e dar-lhe o que precisava para restabelecer-se como pessoa humana. Isso podia ser de manhã, de tarde, de noite, de madrugada, na

hora do café da manhã, do almoço ou do jantar. Se havia alguém que precisasse dela, imediatamente ela se dispunha em ajudar.

Essas características de sua forte personalidade fez dela uma liderança natural, incansável em promover eventos, estabelecer intercâmbios, em valorizar a profissão de enfermeira no Brasil, sob todos os aspectos.

Em 1940, participou de uma Semana de Enfermagem. O Dia do Enfermeiro havia sido decretado oficialmente pelo presidente Getúlio Vargas, dois anos antes, em 12 de maio de 1938, data em que se comemora o nascimento de Ana Nery. Em 1944, Madre Domineuc fazia parte da União das Religiosas do Brasil, chegando a participar do Congresso Nacional de Enfermeiras Religiosas. No ano seguinte, teve a idéia de fazer um Congresso e criar novas escolas de Enfermagem no Brasil, conseguindo mobilizar pessoas e instituições para a realização, em 1946, do I Congresso Nacional de Enfermagem. Ainda em 1943, o que mostrou sua visão pioneira, manifestou a necessidade de solicitar ao Ministro do Trabalho a sindicalização do enfermeiro como profissão liberal no País. E assim ela ia encaminhando iniciativas, buscando valorizar esta importante categoria profissional. Em 1948,



Madre Domineuc fazia parte da União Católica de Enfermeiras do Brasil.

Com esse dinamismo, ela foi conquistando credibilidade, ao ponto de em poucos anos, já ser reconhecida por especialistas nacionais e até internacionais, como uma das grandes figuras da história da Enfermagem do Brasil. O que fazemos aqui, ao escrever estas páginas, não faz justiça à grandeza de seu nome, mas é que dispomos hoje de poucos dados, especialmente da sua vida pessoal. Mas mesmo com o pouco que temos, e o testemunho de quem a conheceu e trabalhou com ela por alguns anos, podemos afirmar, sem titubeio, que aqueles que viram nela um grande nome da história da Enfermagem, estavam certos. Ela foi uma mulher de vanguarda, como religiosa, como pessoa e como profissional.

Na “Exposição de Motivos”, outro destes parcos documentos que pudemos colher, lemos o seguinte relato:

*“Quando, em 1939, o Arcebispo de São Paulo, fundava a Escola de Enfermeiras no Hospital São Paulo, destinada à formação profissional das religiosas e à formação apostólica das enfermeiras, Sua Excelência, D. José Gaspar, dava às religiosas encarregadas da fundação, uma directiva única: “Não faltar à caridade para com os doentes, nem entre os membros da equipe dos servidores dos doentes”.*



*A conseqüência imediata foi a fundação do Amparo Maternal (ereção canônica em 24.01.1940), pois o exercício da misericórdia não permitia pôr na rua a criança recém-nascida e sua mãe desamparada... nem tão pouco limitar-se aos conselhos teóricos na profilaxia do feticídio...*

*Durante longos anos, o evolver paralelo ao da escola de Enfermeiras, prosseguiu trazendo o estudo dos graves problemas deontológicos, ligados à procriação e à proteção da vida, num meio social especialmente desprovido dos recursos habitualmente indispensáveis ao evolver normal da família.*

*Grupo de profissionais liberais, especialmente enfermeiras e médicos, alguns juristas, engenheiros e assistentes sociais, sucederam-se nos seus quadros de direção. A evolução histórica, após um ensaio de colaboração com uma comunidade religiosa residente, provou que o Amparo Maternal tinha, nele, a sua semente (as próprias mãezinhas) e que era mister prosseguir a ação apostólica por uma equipe funcional (formada de mãezinhas) que realizaria a promoção das pessoas assistidas, para constituir uma comunidade cristã complexa, ajustada ao problema. Essa comunidade composta do grupo de direção inicial e da equipe funcional, os quais vão se fundindo, pouco a pouco, prevê no futuro, se o Senhor assim o quiser a consagração a Deus, das que educariam seus filhos no Templo, paralelamente ao grupo das que, fortalecidas pelo Sacramento do Matrimônio, estabeleceriam a sua família, às vezes, já numerosas”.*

---

*Nota: era sonho da Madre formar uma comunidade com as mães que seriam convertidas ao cristianismo e passariam a ser uma ala militante da Igreja Católica. (Uma Utopia?)*

## O Amparo Maternal: assistência e promoção da mulher abandonada



**Madre Domineuc**

A partir de 1939, Madre Domineuc passou a se dedicar mais exclusivamente ao Amparo Maternal, instituição que ajudou a fundar e que vinha de encontro com a causa que mais desejava abraçar. A assistência e promoção da mulher abandonada, mãe sem recursos, tendo filhos para cuidar.

O Amparo Maternal teve seus estatutos aprovados, por provisão de 24 de janeiro de 1940 do Arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, e inscritos sob o número 3, no 4º Registro de Títulos e Documentos de São Paulo, aprovados pelo Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta.

Os objetivos do Amparo Maternal ficaram então expressos em seus estatutos:

*“Art. 4º - A Sociedade tem por fim precípua a assistência integral à mãe necessitada, de conformidade com as normas e segundo os princípios da Igreja Católica Apostólica Romana, mediante os seguintes meios: a) prestará, em maternidade, assistência obstétrica hospitalar ou domiciliar à mulher necessitada e ao filho, em qualquer fase do ciclo grávido-puerperal; b) cuidará, em casa maternal, de assistência social, prestando amparo legal à mãe desvalida e procurando pela educação doméstica e profissional, alcançar a sua recuperação; c) amparará, em centro social, a família, promovendo a sua restauração e estabilidade e prestando-lhe auxílio, especialmente na higiene infantil; d) estudará, em instituto de maternidade, os problemas médico-sociais, segundo a doutrina católica de dedicação e respeito à pessoa humana, acompanhando o progresso da ciência e procurando ensinar a arte assistencial pelo exemplo”. E destacando que “nos contratos que o Amparo Maternal firmar, constará que o amparo à maternidade será tanto educativo como moral, sem distinção de raça ou credo, com o fim de obter a reabilitação social e a preservação moral dos assistidos”. E ainda: “A sociedade terá sempre a sua direção interna confiada a uma congregação religiosa feminina, que será a das Franciscanas Missionárias de Maria, enquanto lhes convier e aprover à Autoridade Arquidiocesana”.*

Outro documento, o relatório dos serviços de assistência médico-social, do exercício de 1957/1958, solicitando apoio às atividades do Amparo Maternal, conta um pouco a sua história, nas duas primeiras décadas de atividades:



*“Penso oportuno neste relatório de 1958, referir a evolução do Amparo Maternal nestes vinte anos, analisando nesse período a experiência adquirida, para propor a essa Diretoria um programa de ação na colaboração com os que se preocupam com a Mãe Abandonada.*

**História** - Tendo Dom José Gaspar de Afonseca e Silva ordenado à uma equipe de Franciscanas Missionárias de Maria a colaboração com a Escola Paulista de Medicina para a criação de uma Escola de Enfermeiras de ideal católico, as enfermeiras fundadoras desta Escola encontraram na direção da Escola Paulista de Medicina - então Faculdade Livre de Medicina - o professor Álvaro Guimarães Filho, catedrático de Clínica Obstétrica.

*Os responsáveis pelos estágios práticos das alunas iniciaram suas atividades na Maternidade – Serviço do Professor fundador.*

*O primeiro problema encontrado lá, foi o da Mãe Abandonada, que tiveram que resolver, sob pena de entrar em contra-venção com o ideal da nova Escola. Não podia faltar lugar na hospedaria... (Lc 2, 17).*

**Fundação** - Uns dias depois da fundação da Escola de Enfermeiras, em 16 de março de 1939, a presidente fundadora, D. Úrsula Barbosa de Barros, esposa de médico obstetra e mãe de treze filhos, compunha a sua equipe e, em 20 de agosto de 1939, assinavam a ata da fundação (os assinantes da ata no livro original) da sociedade civil que tomou o cargo a primeira casa maternal de inspiração católica, já que existia na Capital para um estado de sete milhões: o “Lar das Moças” à cuidado do



*Exército da Salvação e um pequeno refúgio maternal da cruzada pró-infância.*

**Assistência** - Durante anos, o Amparo Maternal viveu assistindo do melhor que pôde as Mãezinhas, com a colaboração das equipes de D.<sup>ma</sup> Úrsula de Barros, de D. Íris Arié e D. Maria Teresa Alves, de uma diretora interna e de equipes de alunos enfermeiras do Hospital São Paulo, trabalhando em estágios práticos, sob a orientação da Monitora de Enfermagem em Saúde Pública Maria de Notre Dame de Fontenelle, posteriormente, Maria do Cristo Redentor, monitora da cadeira de Enfermagem Obstétrica. Desde o início, a assistência médico-cirúrgica das Mãezinhas e dos seus filhos foi assegurada pela Clínica Obstétrica do Professor Álvaro Guimarães Filho, com grande facilidade e pela Clínica Pediátrica do professor Pedro de Alcântara, com grande dificuldade, por não se enquadrarem os ideais assistenciais. Até hoje não tem o amparo assistência pediátrica conveniente.

Desde 1954, o Dr. Armando Rotondi tomou a responsabilidade das análises clínicas no seu laboratório particular.

**Evolução** - Em 1952, um abalo sísmico na Escola Paulista de Medicina mudou a orientação da faculdade livre sem fins lucrativos. Receando que o professor Álvaro Guimarães Filho se afastasse do Amparo Maternal, a enfermeira responsabilizada por sua fundação assistindo a Assembléia Geral do Amparo Maternal na cripta de Nossa Senhora do Brasil, em 4 de maio de 1953, pediu à Diretoria que insistisse afim que o professor Álvaro Guimarães Filho, fundador e Diretor Clínico aceite a Vice-Presidência da Sociedade Civil, garantindo assim a incomparável assistência às

*Mãezinhas abandonadas. Dom Antonio Maria Alves de Siqueira, consultado a respeito, tinha aprovado essa medida.*

\*\*\*

*Durante quatorze anos, a residência do Amparo Maternal peregrinou através da Vila Clementino ao sabor dos contratos de aluguel: rua Loefgreen, rua Pedro de Toledo, rua Diogo de Faria, rua Bacelar, rua Leandro Dupré, rua Sena Madureira, rua do Tanque, em várias casas de tipo coletivo num ensaio de centro familiar vigiado repetidamente feito.*

*É verdade que - em 1944 - o Dr. Francisco Prestes Maia - prefeito da Capital, por uma circunstância providencial, tendo pedido a equipe profissional do Amparo Maternal umas idéias para fazer a construção e tendo desenhado pessoalmente a planta, foi votado pela Câmara Municipal a lei 314, de 12 de dezembro de 1945 e em 1947 feito o contrato de usufruto.*

*Intermitente, caótica, a construção evoluiu com uma lentidão desesperadora, até que em 17 de setembro de 1955, desfazendo o contrato das casas existentes, rua Bacelar, do Tanque, Pedro de Toledo e Sena Madureira, Madre Domineuc solicitou ao engenheiro Cristiano da Luz a autorização da ocupação parcial do prédio, o que foi executado após a solução amigável de um conflito psicológico (ata de 7 de maio de 1956).*

**Estatutos** - Os estatutos reformados em 1954 pela Comissão especialmente nomeada (Professor Álvaro Guimarães Filho, Sra. Íris A. Arié e Madre Domineuc e aprovados em Assembléia Geral de 18 de junho de 1954, estipulou os quatro objetivos da

obra: 1) Assistência hospitalar à mãe e filhos. 2) Assistência social à mãe e os filhos. 3) Restauração e estabilização da família. 4) Ensino em nível profissional e universitário. Estatutos art. 4º.

*Esperávamos que após uns meses de vida improvisada, teria sido possível a execução do programa... Iniciamos então uma Via Sacra que, dificilmente pode se contar o que é mais fácil resumir na oração que então fizemos ao Senhor:*

*Da infecção, livrai-nos Senhor.*

*Da blenorragia, da sífilis, da tuberculose,  
da rino-faringite, livrai-nos Senhor.*

*Da broncopneumonia, da êntero-colite, da psicopatia, da olegofrenia, da esquizoidia, da epilepsia, livrai-nos Senhor.*

*Do desespero, livrai-nos Senhor.*

*Da preguiça, da embriaguez, da maconha,  
da loucura sexual, livrai-nos Senhor.*

*Da indiferença, da rotina, da fadiga, da estreiteza do espírito,  
da dureza do coração, livrai-nos Senhor.*

*Que venha a nós o vosso reino para todos e para cada um de nós.*

*Seja feita a sua vontade! Que o anjo inocente e doloroso que mandaste cumpra a sua missão e quebre o círculo infernal, que mais cedo ou mais tarde a sua piedade filial triunfa do mal.*

*Faça Senhor que nós saibamos prepará-lo para isso.*



*Faça que a higiene pré-natal, a assistência hospitalar e a puericultura não sejam a não ser a manifestação de sua providencial solicitude. Amém.*

*E a 20 de setembro de 1956, numa Missa Vespertina veio Nosso Senhor Jesus Cristo morar no Amparo Maternal no Santíssimo Sacramento, servido no altar por quatro Franciscanas Missionárias de Maria reunidas em comunidade anexa ao Hospital São Paulo.*

*Miséria - Tendo sido esgotada a verba estadual votada em 1953, chegamos a uma miséria extrema, tendo uma permanência média de 220 pessoas, em 1956 e 291 em 1957 e sendo a despesa per capita de Cr\$ 19,90 em 1957.*

*Além das dificuldades econômicas, uma campanha sistemática e violenta foi conduzida por diversas iniciativas, chegando ao extremo no jornal. Instalou-se um policiamento externo permanente.*

\*\*\*

*Por outro lado, nascia em São Paulo, por providencial iniciativa, a Organização de Auxílio Fraternal, cujo fim e métodos se enquadram perfeitamente com os ideais cristãos do Amparo Maternal. Sendo necessário ajustar na vida o grupo das Mãezinhas residentes no Amparo Maternal, pensou-se naturalmente recorrer a essa equipe. A colaboração com a organização do Auxílio Fraternal atenderia o pessoal assistido no campo por essa organização, pondo as alunas em contato com um organismo cristão de um incomparável dinamismo, espalhado através do Brasil e quiçá, da América do Sul.*



*Tendo a Prefeitura reiniciado os trabalhos e tendo a Organização de Auxílio Fraternal aceito a proposta de colaboração, sentimos empurrado a realizar quanto antes, o funcionamento do Hospital de Assistência Obstétrica e Pediátrica, possivelmente enseriado sobre a PUC de São Paulo.*

*Eis o programa ofertado a considerações desta Assembléia Geral.*

*Prof. A. Guimarães Filho - Presidente; Sra. Maria Tereza Alves e Srta. Sônia de B. Sawaya - Vice-Presidente; Prof. José Ribeiro do Valle e Dr. Armando Rotondi - Tesoureiro; Srta. Dina Saraiva e Srta. Anita Rotondi - Secretárias, e sócios fundadores presentes. D. Dina Saraiva, tendo precisado demissionar, pedimos a preciosa colaboração de D. Wanda Foerster, que desde longos meses, auxilia poderosamente o Amparo Maternal, numa solicitude tão objetiva, que na miséria geral as crianças não tiveram fome porque o leite não faltou.*

*Pensamos que uma campanha de sócios efetivos e contribuintes podia ser feita por essa secretária tão compreensiva do fim perseguido pelo Amparo Maternal, convencida que somos da eficiência de seu poder de persuasão, para informar melhor o público de suas obrigações para com os que, desde a meninice, foram privadas dos seus direitos à vida familiar, à educação, à orientação profissional, à estabilidade de um lar ou de uma vocação ao serviço do bem comum."*

## Madre Domineuc procurou viver a radicalidade do Evangelho

Desde o início do seu trabalho no Amparo Maternal, Madre Domineuc teve divergências com sua Congregação religiosa, que via com certa suspeita a forma como ela se relacionava com as mulheres, a maioria delas mães solteiras, marginalizadas, algumas ex-prostitutas, quase todas dependentes não somente de assistência material (de educação elementar, saúde), mas também de amparo afetivo. E esse era o diferencial de Madre Domineuc. Ela não era uma mulher de deixar o institucional falar mais alto que o pessoal e humano. Se tivesse que “quebrar protocolos” para ser presença afetiva, isso fazia sem problema algum. Era natural dela o conversar com as mães necessitadas com uma tal desenvoltura, numa linguagem mais acessível, nada formal, que irradiava um calor humano e um carisma que fazia com que ela fosse mais e mais procurada, por mulheres mais e mais carentes de tudo. E isso incomodava as demais religiosas, que não queriam tanto contato assim com aquelas mulheres “desviadas”, “pecadoras”, etc.

E nesse ponto é que Madre Domineuc procurou viver a radicalidade do Evangelho, com uma tal serie-

dade de propósitos que, evidentemente, foi criando problemas dentro da instituição, que foi se revelando conservadora demais para aceitar a abertura e a leveza humana de alma que ela propunha.

Muitas vezes, fui testemunha dessas situações e sentia-me tocada pelo seu exemplo de despojamento, primeiro, pelo excelente nível técnico como enfermeira, reconhecida pelas maiores autoridades do ramo; depois pela informalidade, pela capacidade de sacudir as pessoas em seu conformismo, sem papas na língua, o que a fez ser vista até como subversiva e persona non grata no seio de sua própria Congregação. Mas ela não se intimidou. Não se preocupava com a opinião alheia. Sabia que para viver o Cristo, era necessário ser caminho de vida.



**Amparo Maternal**

“Tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber. Estive nu e me vestistes, estava desamparado e me acolhestes” (Mt 25, 25). Esse versículo traduzia muito o espírito de Madre Domineuc, porque ela atendia a quem a procurasse, fosse negra ou branca, rica ou pobre. Interessava-se pelo ser humano e por suas necessidades reais, a começar pelas demandas básicas de comer, vestir e se hospedar. Daí, porque quando uma mãe solteira lhe procurava, sabia que seria acolhida (casa, comida, vestimenta) e o mais importante: oportunidade de recomeçar uma vida nova, muitas vezes com algum trabalho, porque o que ela julgava fundamental não era ficar apenas no assistencialismo, mas especialmente na promoção da pessoa humana.

Ela amava a Congregação, os ideais religiosos e a doutrina da Igreja, levando-os até sérios demais. Sabia que o seguimento de Jesus implicava realmente na “via estreita”, evitando a hipocrisia, os conchavos, as relações de pura conveniência; procurando ser ela mesma, na autenticidade de seus sentimentos.

Não media esforços para fazer as pessoas felizes, alegres, reanimadas pela esperança, confiantes nas perspectivas de que tudo pode tomar uma nova configuração, renovada, a partir de quem ora e trabalha (no melhor espírito de São Bento) e se afirma com as obras da fé.



## A caridade está além da formalidade

A sua relação com as Superiores da sua Congregação sempre foi de obediência formal, nunca tendo desrespeitado as regras religiosas. Mas não deixava de falar e fazer o que julgasse ter a aprovação do próprio Cristo, pois buscou mover-se o tempo todo pela caridade, essa radicalidade do coração que nenhuma convenção pode sufocar ou impedir sua manifestação. Ela não via em suas Superiores uma adesão do coração naquilo que faziam, mas um seguimento formal e estéril a normas conservadoras, que buscassem manter a sobrevivência do dia-a-dia, sem aquele “sal da terra” que faz com que as coisas tenham gosto e verdadeira luz. Ela tinha em São Francisco de Assis, o modelo do homem santo, que soube fazer da radicalidade do coração, um valor de vida autêntica.

## A defesa permanente da vida

Por exemplo: Madre Domineuc não gostava de que se adotasse uma criança. Ela entendia que a criança tinha que ficar com a mãe, por pior que ela fosse, ela era a mãe, e isso tinha uma importância fundamental na formação da pessoa. O filho ou a filha via na mãe sempre

um ancoradouro afetivo, porque viera de suas entranhas, tinha uma pertença que ninguém poderia substituir e cuja condição em muito a ajudava encontrar forças para se constituir uma pessoa original, ela mesma, sem artifícios. Pois quando a criança está ausente da mãe, cria, por si só, mecanismos de defesa e artificialismos, até sérios e graves desvios comportamentais.

Outro ponto: ela era radicalmente contra o aborto, pressentindo, já na metade do século 20 e, mais acentuadamente nos anos 60, o horror que seria a permissividade moral da cultura plena e globalmente secularizada, que passaria a aceitar o aborto como “direito da mulher”. Uma carta recentemente publicada na Folha de São Paulo (23.02.05), por uma leitora (Anne P. M. de Castro Conti), resume, digamos assim, o pensamento que Madre Domineuc e todo aquele que tem a doutrina cristã como referência de vida, tem a respei-

to desta complexa questão que se tornou a problemática do aborto em nossos tempos.

**Madre Domineuc,  
tomando café sem  
açúcar.**



Diz a carta: “Causa indignação e perplexidade ver como alguns grupos feministas internacionais conseguiram dominar a discussão sobre o aborto, abordando o tema como se fosse um caso de saúde da mulher. É preciso lembrar que a gravidez não é uma doença. É a geração de um ser humano, filho da mulher gestante. O que há com as pessoas? Perderam o instinto de conservação da espécie e já não se importam com a prole?”

A civilização deveria elevar o ser humano acima dos animais irracionais, mas a civilização do individualismo nos joga no fundo do poço. Segundo o pensamento divulgado pelos grupos feministas no poder, as mulheres devem preocupar-se antes com a carreira profissional, com a sua estética, com o seu conforto e com seu gozo e, só depois, com a vida de seus filhos. Podem e devem gozar dos prazeres da relação sexual sem fronteiras, sem laços familiares ou compromissos, porque, depois, se vierem os filhos, terão o apoio e o financiamento do governo para matá-los antes de terem a chance de chorar. Por que esses grupos feministas não se preocupam em apoiar as mães solteiras?”

Já em seu tempo, Madre Domineuc preocupava-se com isso, intuindo o que vinha pela frente, essa expansão da cultura relativista, que de forte mate-



rialismo, a impor valores anti-cristãos, na aceitação das diversas formas de práticas abortivas, que avilta a mulher, a degrada e desonra, em todos os seus aspectos.

O Catecismo da Igreja Católica assim se posiciona sobre a questão do aborto:

*“A vida humana deve ser respeitada e protegida de maneira absoluta a partir do momento da concepção. Desde o primeiro momento de sua existência, o ser humano deve ver reconhecidos os seus direitos de pessoa, entre os quais o direito inviolável de todo ser inocente à vida. ‘Antes mesmo de te formares no ventre materno eu te conheci; antes que saísse do seio, eu te consagrei (Jr 1,5). Meus ossos não te foram escondidos quando eu era feito, em segredo, tecido na terra mais profunda (Sl 139, 15)’ Desde o primeiro século a Igreja afirmou a maldade moral de todo aborto provocado. Este ensinamento não mudou. Continua invariável. O aborto direto, quer dizer, querido como um fim ou como um meio, é gravemente contrário à lei moral: ‘Não matarás o embrião por aborto e não farás perecer o recém-nascido’. Deus, senhor da vida, confiou aos homens o nobre encargo de preservar a vida para ser exercido de maneira condigna ao homem. Por isso a vida deve ser protegida com o máximo cuidado desde a concepção. O aborto e o infanticídio são crimes nefandos’.*

*A cooperação formal para um aborto constitui uma falta grave. A Igreja sanciona com uma pena canônica de excomunhão este delito contra a vida humana. ‘Quem provoca aborto, seguindo-se*



*o efeito, incorre em excomunhão latae sententiae, 'pelo próprio fato de cometer o delito' e nas condições previstas pelo Direito. Com isso a Igreja não quer restringir o campo da misericórdia. Manifesta, sim, a gravidade do crime cometido, o prejuízo irreparável causado ao inocente morto, a seus pais e a toda a sociedade.*

*O direito inalienável de todo indivíduo humano inocente à vida constitui um elemento constitutivo da sociedade civil e de sua legislação: 'Os direitos inalienáveis da pessoa devem ser reconhecidos e respeitados pela sociedade civil e pela autoridade política. Os direitos do homem não dependem nem dos indivíduos, nem dos pais, e também não representam uma concessão da sociedade e do Estado; pertencem à natureza humana e são inerentes à pessoa em razão do ato criador do qual esta se origina. Entre estes direitos fundamentais é preciso citar o direito à vida e à integridade física de todo ser humano desde a concepção até à morte'. 'No momento em que uma lei positiva priva uma categoria de seres humanos da proteção que a legislação civil lhes deve dar, o Estado nega a igualdade de todos perante a lei. Quando o Estado não coloca a sua força a serviço do direito de todos os cidadãos, particularmente dos mais fracos, os próprios fundamentos de um estado de direito estão ameaçados... Como consequência do respeito e da proteção que devem ser garantidos à criança, desde o momento de sua concepção, a lei deverá prestar sanções penais apropriadas para toda violação deliberada dos seus direitos'.*

*Visto que deve ser tratado como uma pessoa desde a concepção, o embrião deverá ser defendido em sua integridade, cuidado e curado, na medida do possível, como qualquer outro ser humano."*

O pensamento da Igreja sobre a questão do aborto (que vem se tornando uma problemática cada vez mais complexa na sociedade atual) era defendido fidedignamente por Madre Domineuc, que orientava as mulheres do Amparo Maternal, a não praticar o aborto, a assumir a vida da criança e confiar na providência divina.

Atenta ao que se passava em torno dessa questão, em âmbito nacional, Madre Domineuc chegou a participar de encontros e debates sobre o tema, como, por exemplo, de 1960, na Comissão de Ética para debater a questão do aborto terapêutico.

## **“Ser fiel à doutrina católica causou-lhe muitos problemas”**

No começo da década de 60, começaram a ficar mais difíceis seu relacionamento com a Congregação, em que boa parte dos que tinham o poder de decisão tinham uma concepção extremamente conservadora em relação ao modo como Madre Domineuc relaciona-se com as mulheres do Amparo Maternal, e a defesa que fazia de seus posicionamentos.

O Concílio Vaticano II, durante a primeira metade dos anos 60, serviu para renovar muitas coisas, trouxe um arejamento novo para a vida da Igreja, mas também muitos equívocos de interpretação sobre a diretriz moral da Igreja. A partir de então, houve ainda dificuldade de entendimento sobre alguns conceitos básicos, e muitas vezes a permissividade falou mais alto. Nesse clima de incertezas, foi-se impondo o pensamento secular, e em nome dos direitos da mulher, novas justificativas, inclusive, jurídicas, foram tomando força, com o intuito de fazer com que o aborto fosse visto como algo natural e de direito da mulher. A nova mentalidade pluralista, no contexto do relativismo cultural, permitiu insurgências na base católica, inclusive entre religiosos, sobre questões que até então eram bem consensuais.

A influência do movimento feminista ajudou a dar força ao relativismo, e, em nome disso, passou-se a aceitar com mais facilidade, argumentos tidos por científicos, justificando práticas abortivas. A Igreja, oficialmente, através de vários documentos pontifícios, sempre se manifestou contra. Mas, no clima de revolta dos anos 60, foi crescendo os que se posicionaram contra o pensamento oficial da Igreja, vindo a questão um prisma diferente do Magistério da Igreja.



Madre Domineuc, depois de muito refletir e esgotadas as possibilidades de fazer parte do esquema do comodismo, julgou ser necessário deixar a Congregação e se dedicar inteiramente à obra do Amparo Maternal, como leiga. Mesmo como ex-freira, ela sempre continuou fiel ao papa e às diretrizes pontifícias.

Em 1961, Madre Domineuc obteve autorização para viajar até a França, e, em Paris, foi solicitar a licença para sair da Congregação e se dedicar exclusivamente ao trabalho no Amparo Maternal. Ela mesma contou-me o quanto sofreu naquela ocasião, com a indiferença, o desprezo e até os ressentimentos de suas colegas de hábito, tendo sido obrigada a duras tarefas domésticas, como lavar vidros e janelas, descascar batatas, etc.

O que mais doía para ela não era tanto o rigor do trabalho a que foi submetida, mas a incompreensão das irmãs religiosas de sua própria Congregação, que não entendiam e nem colaboraram para que ela pudesse desenvolver uma obra efetiva de caridade cristã junto às mulheres do Amparo Maternal. Essa indiferença e frieza de coração foi o que mais a entristeceu, mesmo assim, ela procurou encontrar forças em suas orações, sem perder a fé no Cristo que veio ao mundo para o decaído, o ímpio, o necessitado, o enfermo, o pecador.



Essa afinidade com o ideal de São Francisco de Assis a tocava no fundo do seu coração, porque era o que Madre Domineuc mais queria: uma entrega total às mães solteiras, àquelas mulheres desamparadas, que precisavam mais do que assistencialismo material, o conforto afetivo e espiritual.

A viagem que empreendeu a Paris foi para solicitar deixar a vida religiosa, com a devida autorização eclesiástica, o que demonstra o enorme respeito que tinha para com a Congregação e a hierarquia da Igreja. Julgou que a vida secular lhe daria mais disponibilidade para a obra social do Amparo Maternal.

## **A opção por uma vida mais autêntica, dedicada inteiramente ao Amparo Maternal**

Primeiro veio o indulto de excomunhão, outorgado em 27 de março de 1962, depois obtive, em 1964, a referida dispensa, tendo recebido a seguinte carta de instâncias superiores:

*“Roma, 18 de setembro de 1964*

*Reverenda Irmã*

*Foi com a maior atenção que a Sagrada Congregação da Propaganda examinou e estudou os documentos concernentes a nossa posição e trabalho no "Amparo Maternal" em São Paulo, e considerou com seriedade seu pedido de secularização, datado de 19 de agosto último e endereçado a sua Madre Superiora Geral.*

*A esse respeito, eu me empenho em fazê-la saber que, após madura reflexão e em virtude das faculdades que lhe foram concedidas pelo Santo Padre, a Sagrada Congregação achou de bom alvitre conceder-lhe a secularização que solicita; mas como essa secularização só pode ocorrer mediante a dispensa dos votos, é portanto contrariamente a seu pedido que pela presente a Propaganda lhe concede a dispensa de seus votos perpétuos, emitidos no Instituto das Franciscanas Missionárias de Maria. Todavia, nada pode impedi-la de refazer esses mesmos votos, "in forma privata", diante do Bispo local.*

*Queira acolher, Reverenda Irmã, a certeza de meu respeito religioso e de meu inteiro devotamento a Nosso Senhor."*

No final de sua vida, não foi levado em conta o quanto ela trabalhara e lutara para afirmar uma instituição que tinha como fundamento o amor à vida e à dignidade da pessoa humana.

Não foi fácil a sua permanência no Amparo Maternal, principalmente na época em que pediu a exclusão para se dedicar mais às atividades da Casa da Mãe Solteira, pedindo depois a autorização do prolongamento de suas atividades no Amparo.

Uma campanha foi movida contra a Casa da Mãe Solteira, como chamavam, porque, no fundo, não aceitavam o trabalho social empreendido por Madre Domineuc, que expunha assim a todos uma chaga social que precisava ser encarada de frente, com amor e dedicação, e poucos tinham a coragem de assumir como compromisso de vida.

Muitas famílias das redondezas não viam com bons olhos aquelas mulheres transitando livremente pelas ruas do bairro, indo e vindo, e muitas vezes acompanhadas por Madre Domineuc, que dava todo apoio afetivo, esperando assim, com aquele gesto, promover uma nova situação, dando-lhes condições mais dignas de se sentirem pessoas humanas capazes de mudar de vida, e encontrar um caminho novo de inclusão, com dignidade e oportunidades de estudo e trabalho, e amparo familiar.

O enfoque da questão era outro. Havia, sim, interesses em difundir entre as mães a solução mais fácil pela adoção, o que Madre Domineuc resistia, porque entendia que a mãe devia ficar com o filho e a sociedade teria de criar condições (materiais, culturais e espirituais) para que mãe e filho, juntos, tivessem condições de viver uma vida digna, compartilhando



do a experiência familiar e construindo uma história de vida, com vínculos afetivos, entre mãe e filho. Por isso, na mesma reportagem, ela declarou; “Tenho mais o que fazer do que me preocupar com que os jornais dizem. Já me bastaram os problemas desta madrugada com um delegado que convocou repórteres, com o propósito de enxovalhar o bom nome de uma instituição. Todos nós somos culpados e precisamos dividir as responsabilidades. Não é só a mãe solteira que chega aqui, com hemorragia, negando sempre ter se submetido a um aborto. Lá fora, fato que o médico Álvaro Guimarães confirma, estão os ‘abutres’ empenhados em fazer das crianças que ainda não nasceram, um ‘comércio rendoso’. Quem tiver interessado em adoção, que não venha bater a nossa porta. Venha nos ajudar para que a mãe tenha condições de ficar com o filho. É essa a nossa tese. Aliás, não é nossa. É do Papa João XXIII. Está na encíclica “Populorum Progressio”. Tudo o que é concebido deve nascer. Ninguém tem o direito de recusar uma vida. E é o que estamos tentando fazer aqui, enfrentando calúnias, o desleixo das autoridades, o puritanismo tolo daqueles que ainda se chocam com o espetáculo constante da miséria nesta cidade fria, onde mães solteiras não tem onde dar à luz e aqui chegam, pedindo comida e permis-



são para deixar nascer um filho, que, às vezes, querem abandonar e tudo fazemos para impedir. É só isso que tenho para dizer', concluiu irmã Marie Domineuc”.

A visão que Madre Domineuc tinha do parto, por exemplo, expressa num bilhete, dá-nos uma idéia desse humanismo cristão que hoje vai desaparecendo inclusive em muitas escolas e hospitais, ou mesmo instituições religiosas: “No parto, ocorrem 4 nascimentos: nasce uma criança, nasce uma mãe, nasce um pai e nasce uma família”.

O fato é que o modo de pensar de Madre Domineuc ia contra a corrente da opinião pública, numa época de apelos feministas, de dissolução da família cristã, de permissivismo moral e sexual, e, com o advento da pílula anticoncepcional, ampliou-se de forma global a mentalidade abortiva, até chegar aos dias de hoje, com vários países do mundo terem flexibilizado suas legislações em questões como o uso de embriões humanos para pesquisas com células-tronco, etc.

## Últimos tempos

Após ter sido obrigada a deixar seus plantões noturnos no Pronto Socorro do Amparo Maternal, Madre Domineuc começou a decair no controle de suas faculdades mentais.

Quando alguém ia visitá-la, perguntava à Irmã Tezeza: — Quem são essas pessoas? Gradativamente foi perdendo todas as faculdades, tais como a localização no espaço físico (local de moradia), cuidados com o próprio corpo (higiene pessoal e alimentação), anorexia, etc. O principal foi a perda de memória, dando a impressão de que estava com a doença de Alzheimer.

Transcrevo um trecho do artigo do Dr. Júlio Abramczyk publicado na Folha de São Paulo: a doença tem como característica a morte dos neurônios (unidade funcional do sistema nervoso) e a diminuição da síntese de mediadores químicos, o que impede a transmissão de informações pelo cérebro. Um cérebro sem neurônios fica sem memória e tudo o que uma pessoa aprendeu em toda a sua vida, desaparece. É como se retornasse à fase do bebê, em que até a comida é dada na boca.

Assim ela viveu durante algum tempo no Jardim

Sabiá, sendo levada nos últimos 2 anos para a casa das Franciscanas Missionárias de Maria, em Taubaté, onde veio a falecer em 10 de março de 1998. A missa de sétimo dia foi presidida pelo Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, na segunda-feira, dia 16, na Igreja de São Francisco de Assis, na Vila Clementino.

Falava muito da morte que vira ou pressentira ocorrer de quatrocentas crianças. Podemos constatar, estudando a sua vida o especial carinho que tinha pelas crianças como vítimas mais importantes da sociedade egoísta na qual vivemos. São as crianças, seres indefesos, que sofrem silenciosamente o seu abandono sem poder reagir.

Também dizia que viu ou presenciou a morte de Santo Dias na porta da fábrica.



**Madre Domineuc e Josefa, no núcleo do Jardim Sabiá.**



**Madre Domineuc: o carisma de quem ama com autenticidade.  
Ao fundo a igreja do Jardim Sabiá.**





**Madre Domineuc com mães residentes no Jardim Sabiá em frente a Capela ali construída.**

## Seguem alguns apontamentos complementares sobre Madre Domineuc:

**Acidente na infância seguido de fratura na perna:** Essa fratura trouxe-lhe transtornos a vida toda.

Mancava. Somente diante da mãe não o fazia para que a mãe não ficasse triste.

No Amparo sofreu dois acidentes: no primeiro quebrou duas costelas e no segundo um esterilizador caiu sobre sua perna provocando queimaduras graves.

Nunca a vi se queixar dos sofrimentos físicos pelos quais passou.

**Fome:** Contou-me que nos períodos mais dramáticos de escasses de alimentos ela ia para a capela e olhando o sacrário tinha vontade de molhar um pedaço de pão no óleo da lamparina para depois comer.

Um dia estacionou no pátio do Amparo um caminhão carregando um pão enorme. Esse pão tinha ganho um concurso do Chacrinha (quem fizesse o maior pão ganhava o prêmio) que felizmente teve a idéia de mandá-lo para o Amparo pois naquele dia a dispensa estava completamente vazia. A doação de

alimentos de forma inesperada foi um fato que se repetiu várias vezes.

O Amparo vivia de doações. Ia-se buscar alimentos no CEASA às vezes duas ou três vezes por dia.

Colaboravam também a Aliança para o Progresso, a Caritas Diocesana e particulares.

Madre Domineuc dizia que tinha um trato com Jesus: Enquanto o Sr. não me der o que precisamos eu não vou comer. Jejuava: se as mães não tivessem o que comer ela também não comia.

### **Homenagens Recebidas por Madre Domineuc:**

- ❖ Semana da Enfermagem – Homenagem ABen – S.P. – York S.A. Maio de 82.
- ❖ Medalha do Mérito de Enfermagem 15-04-1983.
- ❖ Homenagem no Congresso da Associação Brasileira de Enfermagem 1974, Palma de Ouro.
- ❖ Homenagem do Conselho Federal de Enfermagem por relevantes serviços prestados à causa da enfermagem 1988.
- ❖ Pupille de la Nation: documentos de 28-11-1929.

**Qualidades de Madre Domineuc:** Audaciosa, enérgica, inteligente, corajosa, convicta dos seus princípios cristãos e alegre.

**Hábitos e fatos:** Após o Concílio Vaticano II as religiosas receberam permissão para visitar às famílias, mas Madre Domineuc não queria ir. Sua família reclamava porque as outras iam visitar suas famílias na França e Madre Domineuc não. Após muita insistência ela disse a Madre Geral:

– Dá-me o dinheiro que eu o darei aos pobres.

\*\*\*

Quando sua mãe veio visitá-la no convento, de curiosidade levantou a saia do hábito para ver o que havia embaixo de tantas saias.

\*\*\*

Quando na França na congregação, como noviça seu pai faleceu e não permitiram que fosse ao enterro.

\*\*\*

Gostava muito das crianças. Depois que perdeu a memória uma das únicas ocasiões que a faziam ficar alegre era quando via uma criança.

\*\*\*

**Um dia me disse:**\_\_ quando será que vou parar de mentir?



De minha impressão pessoal é de que ela mentia ou para não magoar as pessoas ou para não deixar transparecer fatos indesejáveis, fazia isso por caridade cristã.

\*\*\*

**Congregação:** por motivos desconhecidos não aprovou a “sua” obra. Ela dizia que não podia abandonar as mães que confiavam nela. Decidiu-se por deixar a congregação e isto constituiu um dos maiores sofrimentos de sua vida. Mas, na verdade, nunca se considerou fora da congregação. Sua obra era suspeita: Era acusada de incentivar as moças a ficarem grávidas, abrigar mães solteiras pobres e mulheres prostituídas.

\*\*\*

**Experiência com doentes mentais:** Internava as mães doentes mentais na melhor clínica psiquiátrica de São Paulo em regime de pagamento particular.

Eu não vi mas me contaram que as doentes mentais em crise ficavam calmas, quando ela se aproximava para cuidar e conversar.

\*\*\*

Recambiava, quando achava necessário a mãe e seus filhos, para a casa dos pais.

Mandou acompanhada pela Assistente Social para Aracaju de avião uma mãe e três filhos.

Filosofia que quis transmitir. Non vivere nisi ad serviendum. Não viver senão para servir. O doente representava o Cristo vivo. Cristianismo profundo, fundamentado na vivência. Em primeiro lugar, cuidar do próximo, em segundo lugar a oração. Ela acreditava que os doentes, através da Assistência prestada à eles, reconheceriam a imagem de Cristo. As pessoas, através da doença, se converteriam e nós éramos meros instrumentos de Deus para a conversão. Acreditava que as pessoas precisavam ter uma crença, uma fé. Para ela, os doentes eram um Cristo vivo.

Parou de trabalhar no Hospital São Paulo, porque uma nova diretoria não aceitava a sua filosofia. Mas sim a burocracia acima dos interesses da humanização.

\*\*\*

Ensinava enfermagem mais por testemunho de vida do que por palavras. Uma vez, para ensinar às alunas o perigo da bolsa de água quente, deixou que uma aluna queimasse seu próprio braço.

\*\*\*

O relacionamento entre enfermeiras e médicos era estritamente profissional. A enfermeira devia ser um exemplo de virtude e de moral. A formação de enfermeiras era tão rigorosa que poucas conseguiam o diploma.

**Costumava dizer:** “Quem sabe não faz e quem faz não sabe”.

\*\*\*

**Hábitos diários:** Tomava até três banhos por dia. Quando ia tomar banho, costumava dizer: “Vou esfregar o animal”.

Gostava muito de chocolate e de batatas fritas.

Uma vez saímos a pé e havia na calçada um ambulante vendendo balas e chocolates. Ela comprou um e me deu dizendo que eu o comesse. Embora não tivesse vontade, comi, mas fiquei pensando sobre aquele ato inusitado. Mais tarde, compreendi quando fiquei sabendo da sua predileção por chocolate. Ela me deu para vencer a tentação e dominar seus instintos e suas vontades.

\*\*\*

Como flor, tinha especial predileção pelas rosas.

\*\*\*

Forçava o raciocínio próprio das pessoas que a procuravam.

\*\*\*

Seu amor era como rapadura dura e doce.

\*\*\*

Não adulava ninguém. Era muito clara e franca.

**Dizia:** Deus permite o sofrimento para que a pessoa cresça.

\*\*\*

Não demitia os funcionários. Achava que a pessoa com o tempo poderia se modificar e ajustar.

\*\*\*

Em geral, os funcionários do Amparo trabalhavam até a aposentadoria e passavam a ter uma vida digna, pobre mas digna. Felizes com o que conquistavam.

\*\*\*

O Amparo Maternal era a porta da Esperança. A mãe podia entrar, trabalhar, cuidar do seu filho e ver um futuro melhor.

\*\*\*

Era contra a adoção, porque dizia que um dia a mãe voltaria para pegar a criança.

\*\*\*

**Disse: Métodos Anti-conceptivos:** Ninguém mexe na árvore da vida sem sofrer mais cedo ou mais tarde as suas conseqüências.

\*\*\*

**Mãezinha:** Apelido dados às mulheres assistidas no Amparo Maternal.



\*\*\*

O Amparo Maternal tinha que nascer sob a proteção da Igreja e ser mantido por ela.

\*\*\*

Achava que o filho era a pessoa que converteria a mãe ao bom caminho.

\*\*\*

A Prefeitura largava as parturientes fora do prédio do Amparo Maternal, às escondidas.

Os maridos reclamavam e brigavam, dizendo:

— Minha mulher é casada. Não é solteira, nem nada para vir à esta maternidade.

\*\*\*

Sem o trabalho profissional das mães da equipe funcional, o Amparo provavelmente não teria existido.

\*\*\*

A Madre era alegre e não gostava que ninguém chorasse. Achava que todo o mundo tinha que ser alegre e espalhava alegria. Não dar vez à tristeza, que por sua vez deixa as pessoas doentes.

\*\*\*

Não obrigava e não induzia ninguém a nada.

\*\*\*

A Madre não só providenciou para as mães apoio material: moradia, profissão, alimentos, como também ensinou-lhes indiretamente uma conduta ética, baseada no amor cristão. Combater o orgulho e o egoísmo.

A Madre acreditava na pessoa humana, nos “pecadores” para a sociedade burguesa, acreditava na pessoa humana qualquer que ela fosse, como alguém que podia ser resgatada, salva.

\*\*\*

Ela curava pelo AMOR, um grande e verdadeiro AMOR.

\*\*\*

A ALEGRIA é a característica da Madre em todos os momentos e em todas as circunstâncias. Quantas vezes São Paulo fala em alegria?

Filipenses 4,4: “Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos!”

\*\*\*

O AMOR não se impõe. Tudo o que é planejado não dá certo.

\*\*\*

Madre Domineuc teve grandes sofrimentos:

❖ a separação da família para entrar na Congregação.

- ❖ a saída da Congregação para ficar no Amparo Maternal.
- ❖ a saída do Amparo Maternal.
- ❖ a saída do Jardim Sabiá, onde morava junto com as mães.
- ❖ Morreu na Casa de Repouso das Franciscanas Missionárias de Maria, longe das mães que ela tanto amava.

\*\*\*

Epístola aos Gálatas – 15, 20.

“Não sou eu quem vivo, mas Cristo quem vive em mim”.

\*\*\*

Quando falava com o Cardeal, o fazia de joelho. Tudo que o Cardeal falava para ela eram palavras de Jesus.

O Cardeal com o qual teve mais contato nos últimos anos de vida foi D. Paulo Evaristo Arns.

\*\*\*

Fazia coisas impossíveis, inimagináveis e inimitáveis.

Um casal chegou da França e foi procurá-la. Eram Chantal e Rafael. Ela perguntou à queima-roupa:

— Vocês vieram ao Brasil para ganhar dinheiro ou para ajudar os pobres?

No dia seguinte, mandou Lourdes, uma mãe assistida com seu filho para que os auxiliasse nos trabalhos domésticos.

\*\*\*

Doadora de sangue, seu tipo era O Rh (-), ela doava imediatamente o seu sangue para quem necessitava. Geralmente mães com anemia.

\*\*\*

Era amiga de D. Luciano Mendes de Almeida e de D. Hélder Câmara.

\*\*\*

Nas salas do Centro Cirúrgico, havia apenas cruces metálicas, fáceis de limpar. Um médico observou para ela: cruces sem Cristo?

Ela respondeu:

— Cristo não está lá. Está aqui. Nessa mesa, neste doente que o sr. vai operar.

\*\*\*

Quando era estudante de enfermagem, na França, ficou sabendo que sua mãe quebrou o braço. Deixou tudo o que estava fazendo e foi de trem ao encontro da mãe.

Chegando em casa, encontrou a mãe sentada com o braço quebrado e a mãe lhe perguntou:



— Quantos pacientes você deixou na enfermaria?  
Então volte para lá.

\*\*\*

Madre Domineuc tinha capacidade de descobrir nas pessoas um potencial de ação e de realização e transmitir uma força para essa pessoa, dizendo ou sugerindo as ações que ela era capaz de fazer.

\*\*\*

Quando doente, não queria comer. Só perguntava se as crianças já tinham comido. Então era preciso dizer que sim. Só assim ela ingeria algum alimento. Nos últimos tempos, ela tinha muita dificuldade em se alimentar.

\*\*\*

Era muito avançada para o seu tempo. Queria promover a mulher e os excluídos, que eram objeto das suas preocupações.

\*\*\*

Quando se encontrava com uma pessoa, tinha a capacidade única de ver a pessoa “por dentro”, seus defeitos, suas capacidades e qualidades. Muitas vezes, fazia um convite para essa pessoa realizar uma tarefa, dizendo que ela era capaz.

No dia em que chegou da França, as irmãs Franciscanas Missionárias de Maria saíram do Amparo Maternal e a Madre ficou absolutamente só, com cerca de 300 abrigados.

\*\*\*

Em 1974, foi criada uma grande polêmica pela mídia em relação aos corpos dos recém-nascidos que aguardavam ser enterrados. Esses recém-nascidos ficavam em caixas com formol aguardando as ambulâncias da Prefeitura para serem transportados e enterrados. Foi feita então uma denúncia pública por vários jornais de São Paulo. Alguns deputados vieram de Brasília para defender o Amparo Maternal e entre eles podemos citar o deputado André Franco Montoro. Esse fato determinou em parte a saída da Madre do Amparo que não fez mais os plantões que estava acostumada a fazer semanalmente no pronto socorro do Amparo Maternal. Ela passou desde então a morar no Jardim Sabiá. O Amparo Maternal sofreu grandes ondas de calúnias e acusações ao longo da sua existência.

\*\*\*

No dia que chegou ao Amparo Maternal, Irmã Tereza, perguntou a Madre:

– O que devo fazer?

Ao que a Madre retrucou:

– Se a senhora não enxerga o que tem que fazer não precisa ficar.

Entre a Madre e a Irmã Tereza houve sempre uma diferença de pontos de vista.

Uma vez Irmã Tereza me disse que tinha muito ciúmes da Madre.

A Madre um dia disse para Irmã Tereza:

– Desde quando você viu que Deus pede uma coisa sem dar as forças necessárias para fazer?

Irmã Teresa trabalhou no Amparo Maternal desde o ano que chegou da França, em 1962, até sua morte em 28/10/2000. Era assistente social.

\*\*\*

O Hospital Amparo Maternal jamais teria existido sem o trabalho das mãezinhas, que formaram as equipes de trabalho: na cozinha, na lavanderia, na portaria, na recepção das parturientes, no centro cirúrgico, no berçário e na enfermaria.

\*\*\*

Quando assistia um parto, meditava. Discutia com Nosso Senhor pelas circunstâncias que fazia a mãe sofrer. Às vezes também rezava a Via-Sacra.

Tinha o dom ao se relacionar com uma pessoa, de tornar essa pessoa única.

\*\*\*

Dizia: “O que os católicos fazem é filantropia e não caridade”.

\*\*\*

Um lema: “Não fazer dívidas”.

\*\*\*

Falavam que quem entrava no Amparo Maternal, precisava ser “batizado”. Esse batismo consistia em uma surra dada por uma mãezinha. Assim, aconteceu que a Madre levou não uma, mas várias surras.

Ela também controlava as crianças em crise com dois métodos: banho de água fria até acalmar os gritos, ou batia com um chicotinho nas pernas e no “bumbum” (traseiro).

\*\*\*

Foi ameaçada de morte várias vezes.

\*\*\*

Baseando-nos em alguns relatos que temos dos pais de Madre Domineuc, podemos concluir que a educação naquela época era bastante rígida em seus princípios. Duas passagens que chegaram até nós, embora singelas são significativas.



Quando comunicou ao seu pai que iria para o convento, ele respondeu:

– Vai e nunca mais olhe para trás. E ela realmente não voltou.

Quando estava internada no hospital, por causa da fratura da perna, havia perto da cama uma campainha para chamar a enfermeira em caso de necessidade. Sua mãe, mostrando a campainha, disse:

– Esta, você nunca deve usá-la.

Escreveu atrás da fotografia da mãe:

– Jamais a vi faltar à caridade.

Seus pais eram ateus convictos.

\*\*\*

Os arquivos do Amparo Maternal, nos anos em que ela lá trabalhou, foram queimados pela Administração que veio após a sua saída.

\*\*\*

Lendo a vida dos santos, sabemos que a maioria passou por momentos de escuridão espiritual e mesmo de desânimo.

Sobre Madre Domineuc, tenho conhecimento de um trecho que ficou grifado em seu breviário:

– Senhor! Vós mesmo sois a claridade, a luz no fundo de um lugar obscuro, a viva lâmpada de nossos passos por sobre um caminho de densa treva.

\*\*\*

Foram inúmeras as ações de Madre Domineuc em favor das crianças deficientes.

Deu duas gêmeas abandonadas para Maria Jandira criar. Hoje estão crescidas, moças. Testemunho da mãe de criação:

– Não acho pesada a tarefa de criar as gêmeas, pois como Madre Domineuc ensinou, estou fazendo o papel que o Senhor me deixou destinado. Estou fazendo o meu papel.

\*\*\*

Para Madre Domineuc, “não podemos exigir amor de quem nunca foi amado”.

\*\*\*

Quando um dia Madre Domineuc estava de plantão no hospital, a médica se ofereceu para ficar enquanto ela ia à missa. “Saiu voando como uma namorada para encontrar o namorado”.

\*\*\*

Quanto mais atormentada fosse a pessoa, mais ela a amava.

Todos os mantimentos que chegavam deviam ser distribuídos na hora. “Vamos dar para quem precisar, nós damos hoje e Ele manda mais para nós”.

\*\*\*

Madre Domineuc se concentrava no que fazia. Estava absolutamente concentrada no que fazia naquele minuto. Um dia tentei segui-la em seus afazeres, mas sua mente era um “dínamo”, chegou uma hora que eu me dei por vencida.

\*\*\*

A mãe que assume a gravidez e que não matou e não abandonou já é uma elite quaisquer que sejam os considerandos.

\*\*\*

Testemunho do Padre Pedro OMI, que trabalhou com a Madre no Jardim Sabiá. Escreveu sobre Madre Domineuc e Irmã Tereza a seguinte mensagem de Natal, em 1984:

“Conheci em meio ao ‘emaranhado’ de gentes que se conhece em cada trabalho pastoral, as figuras ímpares de duas mulheres singulares. Atravessaram o mar para enfrentar o mal. Colocaram-se ao lado de outras mulheres, que sem rumo perderam-se pelos caminhos do mundo e construíram lares, que hoje abrigam os

filhos da covardia, da ignorância, do machismo e do vazio de tantos que se dizem homens, sem jamais haverem sido.

Conheci mulheres que acreditam no que fazem e só por isso jamais desistem, que semeiam em abundância mesmo que a colheita seja tão escassa. Mulheres que simplesmente servem e por isso, talvez, somente por isso realizam o Natal: como Maria, atualizam o Natal. Que Deus não nos permita faltar jamais, mulheres como as tais.

O Padre Rubens Pedro OMI nasceu em 30 de junho de 1953, em São Carlos (São Paulo).

Ordenado em 1982 vem realizando seu ofício de pregação com especial devoção à causa dos pobres e necessitados.

Contou-me também um fato curioso:

Na capela do Jardim Sabiá, as hóstias consagradas ficavam em um cofre antigo, com segredo. Isso para afastar a possibilidade de profanação das mesmas. Um dia, Padre Pedro solicitou as hóstias e Madre Domineuc, quando foi buscá-las, esqueceu momentaneamente o segredo do cofre. Quando voltou, já afobada, disse ao padre: – Jesus está preso. E agora, o que vamos fazer?



Não tinha nenhuma preocupação de que o povo que a cercava reconhecesse e fosse grato ou de que de uma certa forma retribuísse o que ela fazia por todos eles.

\*\*\*

Às vezes as pessoas a exploravam solicitando que ela fizesse pequenos curativos e tratamentos, que de uma certa forma eles mesmos podiam dar conta, abusando assim da sua disponibilidade.

\*\*\*

A carência da miséria é inesgotável. Quando sofreu o acidente com o cavalo que causou seqüelas para toda a sua vida foi que percebeu que a solidariedade é importante. Antes desse fato, ela era totalmente auto-suficiente, não precisava de ninguém.

\*\*\*

Em sua entrevista com Pio XII, ouviu as seguintes palavras do Santo Padre: – Volte minha filha, que o Brasil tem grandes necessidades.

\*\*\*

Tinha muito respeito por Adhemar de Barros, ex-Governador de São Paulo. Dizia que foi ele quem construiu o Amparo Maternal.

\*\*\*

Madre Domineuc era religiosa de comunhão diária.

Não tinha o menor escrúpulo para pedir às pessoas trabalhos muitas vezes penosos e desagradáveis. Um dia me pediu para levar ao Amparo da Serra, um rapaz que estava sendo perseguido por traficantes. Eu o levei junto com seu cachorro.

\*\*\*

Dizem que os santos recebem de Deus o dom de poder chorar com freqüência. Recebi vários relatos dela ter chorado, principalmente, ao saber da morte de suas ex-alunas ou pessoas que ela conhecia e com as quais tinha laços de amizade. Quanto à mim, a vi derramar grossas lágrimas, sem explicação, no momento. Fiquei preocupada sem saber o que essas lágrimas significavam.

\*\*\*

Disse que nunca lavou tantas janelas e descascou tantas batatas, como quando estive em Paris, em 1961-1962. Segundo um relato de uma irmã que atendeu ao telefone: “Ela sofreu muito quando permaneceu aqui”.

\*\*\*

Achava que a criança é que educava a mãe: “Marina, com dois anos está sendo educada para educar a mãe!”

\*\*\*

Tinha o dom da clarividência, que consiste na previsão de fatos futuros ou que estão acontecendo com pessoas distantes, conhecidas ou não.

\*\*\*

Madre Domineuc projetou as maternidades populares da periferia. Este projeto foi entregue na residência episcopal, em 15 de abril de 1975. “As maternidades populares serão o testemunho da solicitude da Igreja para as famílias necessitadas”.

No projeto, Madre Domineuc citou documentos da Igreja: “A salvação das pessoas e da sociedade humana e cristã está estritamente ligada ao bem estar das comunidades conjugal e familiar” (*Gaudium et Spes*). “A caridade individual está correndo o risco de se tornar cada vez menos operante diante da magnitude dos problemas que tem que enfrentar” (Conselho dos Presbíteros, O São Paulo, 24 de agosto de 1974).

As maternidades populares, segundo consta no projeto, estariam localizadas nos pontos cardeais de São Paulo, isto é, norte, sul, leste e oeste. O projeto é completo, constando objetivos, funções da equipe, operacionalização, etc.

\*\*\*

**O recém-nascido** – No berçário, os berços imitavam a manjedoura, onde Jesus ficou quando nasceu. Os nenês do Amparo eram vestidos com um saco de flanela branca, semelhante a um “saquinho de pão”, franzido e amarrado em cima dos ombros, só ficando de fora a cabecinha. Tinha a vantagem de além de aquecer permitir a movimentação livre das pernas e dos bracinhos. Madre Domineuc copiou essa idéia de uma mãezinha que morava na rua e que criou seu filho prematuro dentro de sacos plásticos reforçados. Sabemos que o prematuro tem dificuldade de manter a temperatura do corpo, daí a necessidade das incubadoras.

\*\*\*

**Jardim Sábia** – O Jardim Sabiá nasceu de cinquenta lotes de terra que o Amparo Maternal recebeu em doação do Dr. Victor Freire de Carvalho. Nesses lotes foram construídas as casas para as mães e seus filhos.

As mães não poderiam mais continuar morando no prédio de R. Loefgreen, 1001, que seria transformado em Hospital Maternidade.

As casas do Jardim Sabiá foram construídas com o material das demolições efetuadas na avenida 23 de maio e doadas pelo Prefeito Faria Lima. Posteriormente



te, o Dr. Victor Freire de Carvalho doou dois terrenos para a construção de uma creche e de uma escola. A creche, em uma determinada época, chegou a abrigar até 260 crianças. Foi ainda formado um centro comunitário e um centro de vacinações.

As professoras da Escola Paulista de Enfermagem e suas alunas foram responsáveis pelo funcionamento desse complexo de obras assistenciais do Jardim Sabiá.

**A Casa do Poço** – A Casa do Poço foi formada para abrigar as crianças órfãs ou que estavam temporariamente sem família.

Madre Domineuc não admitia mandar nenhuma criança para a Febem. Ela sabia que na Febem, as crianças eram colocadas sem distinção de idade ou sexo, em pequenos quartos. Às vezes, 30 crianças em um mesmo quarto de 2m x 2m. A primeira diretora da Casa do Poço chamava-se Luzia Bonifácio. Depois, essa mesma casa ficou sob os cuidados de Irmã Maria. Mas acabou sendo fechada pelas autoridades após a morte inexplicada de uma criança.

*Nota:* Madre Domineuc, por ocasião de uma epidemia de sarna, passou todo um dia e uma noite, “perto do poço”, fervendo a roupa da criançada. Daí surgiu o nome da casa.

**O Amparo da Serra** – A Fazenda São Roque também chamada Amparo da Serra, foi adquirida para abrigar as mães com problemas mentais, juntamente com seus filhos. Para Madre Domineuc, o ambiente do campo, com suas árvores e vegetação nativa, tinha o dom de acalmar as mães agitadas e inquietas.

O local conseguiu seus objetivos durante vários anos, mas os obstáculos se tornaram insuperáveis. Um deles, mas não o principal, foi a distância que o separava da “Casa Mãe”, em São Paulo.

Fui testemunha do esforço de Madre Domineuc para obter a carteira de motorista que lhe permitiria ir freqüentemente ao Amparo da Serra, guiando por conta própria. Após algumas tentativas e de prestar exames, jamais conseguiu essa permissão dos órgãos competentes.

Irmã Thérèse Laperrine ali viveu por cerca de dez anos, marcando a sua presença. A Madre esperava contar com o auxílio de uma Congregação de Irmãs especializadas, mas o fato não se concretizou. Com a mudança da Administração do Amparo Maternal, o Amparo da Serra foi vendido.

Entre todas as mães da equipe funcional, duas merecem ser citadas: 1) Benedita Batista, casada com

Oséias, que era empreiteiro e construiu as casas do Amparo da Serra, entre outras obras. Durante um ano deu aulas de alfabetização, através do Mobral que foi aberto no Jardim Sabiá. Os trabalhadores vinham assistir as aulas e conseguiram tirar a carteira profissional em conseqüência do fato de terem sido alfabetizados. 2) Josefa Júlia Vieira: encarregada da cozinha e da limpeza. Chegou a abrigar em sua casa quase sessenta crianças. Era apelidada pela Madre de “meu banco português”.

\*\*\*

Assistir o povo de Deus abandonado na miséria.

\*\*\*

Vivemos no Brasil horas trágicas e dolorosas. Com a fé, a esperança e a caridade, é fácil, mas não posso compreender como é possível existir sem elas (Madre Domineuc).

\*\*\*

A serviço da família.

\*\*\*

Madre Domineuc, no fim de sua vida, se assemelhou fisicamente na maneira de vestir e na maneira de viver aos pobres, que ela amava.

\*\*\*

O abismo chama outro abismo. Para Madre Domineuc, o abismo da necessidade de um deve chamar o abismo do amor do outro, e o limite é de amar sem limite. Estar inteiramente disponível ao serviço daquele que não tem nada e precisa de tudo.

\*\*\*

### **Exclamações freqüentes:**

Ó, por favor! Era a exclamação freqüente de Madre Domineuc.

A senhora está feliz? Feliz sem sobra?

Psiu! Dizia Madre Domineuc, quando alguém falava alto ou fazia barulho na maternidade. Não admitia barulho na maternidade, para não perturbar as mães que estavam internadas.

\*\*\*

A lei do amor, que norteou toda a vida de Madre Domineuc, após sua conversão.

S. João XIII, 35.

S. Mateus XII, 29 a 34.

S. Lucas VI, 27 a 49.

\*\*\*

Acolher sempre ou recusar nunca.



Muito importante: A qualquer preço enfrentando as conseqüências práticas, a sobrecarga, a aparência da desordem, os erros técnicos, a crítica dos que não sabem, para não dizer dos ignorantes.

\*\*\*

Logo após os seus votos, em 1933, Madre Domineuc veio para o Brasil. Foi recebida no aeroporto com uma exclamação: “Mandaram uma menina para dirigir o hospital!”

\*\*\*

Em 1950 estive em Roma e foi recebida pelo Papa Pio XII. Eram as comemorações do Ano Santo.

\*\*\*

Sobre as enfermeiras – o profissional da misericórdia, e quando o mundo se descristianiza, a enfermagem desaparece.

Madre Domineuc aconselhava as enfermeiras a não confundir misericórdia com administração hospitalar.

\*\*\*

Quando entrou no convento precisou de uma importância em dinheiro, que estava em torno de 1.000 francos da época. Não era possível dispor dessa soma,

isto é, seus pais não poderiam dar o dinheiro em questão, porque eram pobres. Foi uma jovem estudante que – como Madre Domineuc – ia entrar no convento, quem lhe deu esse dinheiro.

Estudou enfermagem em Paris e concluiu brilhantemente seus estudos, se especializando em enfermagem obstétrica no Brasil.

\*\*\*

Quando estava no convento, solicitou aos seus superiores, ir trabalhar na China. Entretanto foi enviada para o Brasil. Antes de viajar, fez todos os seus exames em português. Em território brasileiro, falava e escrevia nossa língua com perfeição. Aliás, só falava português. Algum tempo antes de falecer, quando já tinha perdido completamente a memória, dava um leve sorriso a alguém, quando falava com ela em francês.

\*\*\*

A civilização começa no dia em que o bem-estar dos bebês recém-nascidos prevalecer sobre qualquer outra consideração. (Wilhelm Reich)

\*\*\*

Servir meu irmão por amor e somente por amor. Perdoá-lo se for preciso.

Palavras da sua Superiora: “Você tem um ideal muito alto e também é muito intransigente”.

\*\*\*

Palavra de Madre Domineuc: “Deus escreve direito por linhas tortas”.

\*\*\*

“Ciência sem ética é apenas técnica”.(Professora Fernanda da Fiocruz).

\*\*\*

Após o acidente, em que fraturou a perna, Madre Domineuc saiu do hospital e comunicou a sua família que ela também seria uma religiosa, porque tinha sido chamada por Deus.

\*\*\*

Madre Domineuc estava de plantão no pronto socorro do Amparo Maternal durante um jogo da copa do mundo de futebol. Cinco parturientes ficaram no pré-parto com indicação de cesárea que seriam realizadas após o jogo.

Quando os médicos voltaram já não havia mais nenhuma candidata a cesárea. Todas tinham dado a luz em partos normais.

Dizia com freqüência que a medicina deixaria de ser uma profissão humanitária e se transformaria numa indústria, num comércio.

\*\*\*

Um dia, estando de plantão na Clínica Obstétrica do Hospital São Paulo, chegou um casal. A mulher, em franco trabalho de parto. Não havia vagas para internação e Madre Domineuc teve que mandar o casal embora sem atendimento. No dia posterior, o marido voltou dizendo que a esposa tinha morrido durante o parto. A partir deste fato é que Madre Domineuc estabeleceu como primeira e absoluta regra receber todas as parturientes que chegassem ao Amparo Maternal.

“Como se faz a seleção do acolhimento. Não somos nós, profissionais, que podemos fazer a seleção. Só Deus conhece o coração do homem, mas a mulher que não matou e não abandonou já é uma elite, quaisquer que sejam os considerandos”. (A afirmação acima de Madre Domineuc, considero revolucionária).

\*\*\*

Em política, Madre Domineuc não declarava uma posição de direita, centro ou esquerda. Sabia distin-



guir entre os políticos, aqueles que realmente defendiam os interesses da população. Falava muito bem de Ulisses Guimarães, Franco Montoro e Faria Lima. Dizia que foi Adhemar de Barros quem construiu o Amparo maternal.

\*\*\*

***A questão financeira da manutenção e do funcionamento do Amparo Maternal com suas centenas de assistidos permanentes e temporários.***

Pessoalmente Madre Domineuc não guardava ou mesmo tocava em dinheiro. Ela delegou essa função ao Professor Álvaro Guimarães Filho e às Secretárias Olga, Kihuco e Eudóxia.

Podemos constatar que o atendimento às parturientes aumentou gradativamente *segundo gráfico que segue em anexo.*

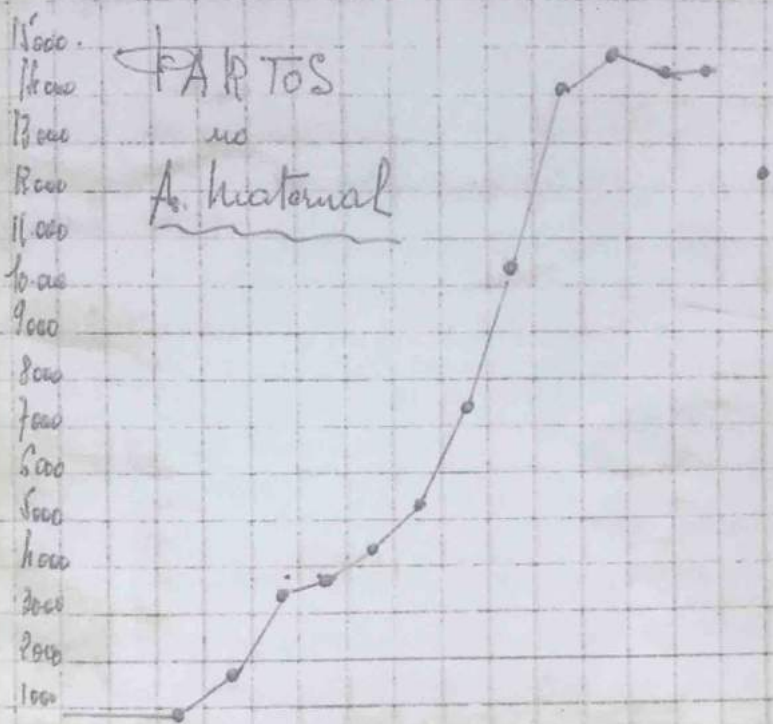
As finanças permaneceram inalteradas e, ao contrário, da administração que sucedeu a de Madre Domineuc, não foi preciso sair sistematicamente na mídia, com “o chapéu na mão”, pedindo verbas e dizendo que o Amparo Maternal iria fechar suas portas. Este gráfico feito pela Madre Domineuc, mos-

As X perienencia ho ditats -

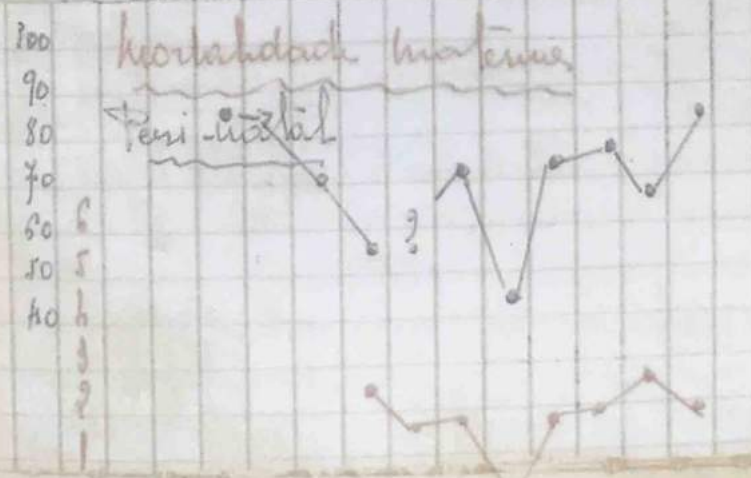
39  
59 61 65 68 69 70 71 72 73 74 75 76

15000  
14000  
13000  
12000  
11000  
10000  
9000  
8000  
7000  
6000  
5000  
4000  
3000  
2000  
1000

FARTOS  
no  
A. maternal



horadach matenu  
Peri - matial



A vida = a morte

0/1

tra a evolução em números dos atendimentos aos parto, de 1939 a 1976. Mostra também a mortalidade perinatal (recém-nascidos mortos) e a mortalidade materna.

\*\*\*

A Madre Domineuc me disse uma vez que seu desejo era ser contemplativa, mas viveu entre as mães solteiras, sem um minuto livre para si mesma.

\*\*\*

De um texto escrito em francês por Madre Domineuc retirei duas frases significativas: Je me cache du contemplatif que jái forme dans le mystère du bien et de l'immolation personnelle individuelle, je me cache dans le frère au service du quel....present toujours.

Poderia interpretar essas palavras pessoais da Madre: ela esconde no irmão a sua imolação pessoal individual o qual prometeu conservar sempre presente (o irmão não pode ser esquecido e deve estar sempre presente para ela).

Só quem a conheceu sabe dar sentido à frase. Imolação pessoal individual é abrir mão de tudo o que um ser humano tem direito: o convívio com a família, o amor à pátria em que nasceu, à língua natal, aos hábitos e costumes que aprendeu desde que nasceu, a tudo que acreditava como certo e ético (no caso da Madre se converter



ao cristianismo pregado pela Igreja Católica, ao qual ela foi fiel até á morte), as afeições pessoais (suas amigas), ao conforto, às glórias da vida profissional, os votos que proferiu de pobreza, obediência e castidade, os manteve mesmo depois de ter saído da Congregação. Era virgem. Absolutamente pobre, só possuía o essencial para viver: sandália havaiana, avental branco de nylon, lenço branco na cabeça, capa pelerina (donativo dos escoteiros), um tapete de 1m x 1,50, onde dormia.

Não possuía mais nada, nem cama ou roupa de cama, armário, objetos. Somente a Bíblia e um terço. Quando ganhava algum objeto, imediatamente se desfazia, dando para uma outra pessoa.

\*\*\*

Tratava todos sem distinção. Tinha o maior respeito por cada pessoa, por mais humilde que fosse (quanto mais humilde, maior era o respeito e o tratamento). Trabalhava direto 24 horas por dia, podendo ficar, às vezes, 72 horas sem dormir.

Seu trabalho era intelectual e manual: dava aulas, assistia aos partos, fazia trabalhos administrativos (como por exemplo, organizar o arquivo das parturientes atendidas no hospital).

Sua beleza física chamava a atenção e causava admi-



ração das pessoas que tinham contato com ela. Suas faces rosadas levavam algumas pessoas a tocá-las com a mão e exclamar: “E há quem diga que as freiras não se pintam!”

Realizou os convênios do hospital com a Prefeitura Municipal e com a Escola Paulista de Enfermagem. Ela tinha um dom de ver a pessoa e, mesmo sem conversar, fazer uma análise ultra-rápida da sua personalidade, das suas intenções e objetivos, ao procurá-la ou ao Amparo Maternal.

Cortava imediatamente as pessoas que por atos ou palavras, se introduziam no Amparo Maternal, com uma ética contrária a moral cristã. Esse fato se refere à equipe da direção e dos profissionais liberais médicos, enfermeiras, assistentes sociais, etc. (mas tolerava os desvios das mães assistidas).

\*\*\*

**Sobre o furto** – Para Madre Domineuc, as pessoas não furtam, mas pegam do que necessitam. O Amparo Maternal sofria freqüentemente uma série de furtos. A Madre, às vezes, se queixava do desaparecimento das pinças e tesouras do centro cirúrgico, que, por terem sido roubadas, tinham que ser constantemente repostas. Os cobertores dos recém-nascidos “sofriam o mesmo destino”.

Um dia ocorreu um fato na delegacia: uma funcionária foi flagrada em casa, com abundante material do Amparo Maternal (bandejas, garfos, facas, etc.). Ela pediu então que

chamassem a Madre para defendê-la. Quando ela chegou, fez a seguinte defesa: “Absolutamente ela não roubou. Tudo isso pertence a ela porque tudo o que é do Amparo Maternal é dela. Na visão da Madre, não havia nunca o roubo, apenas as pessoas pegavam o que tinham necessidade.

\*\*\*

No Amparo Maternal, depois da saída de Madre Domineuc e sua equipe, seguiu-se a política de “terra arrasada”. À sua genialidade administrativa, seguiu-se a mediocridade daqueles que não sabem, para não dizer ignorantes. Mudaram as pessoas com a demissão total da equipe original. Mudaram as rotinas obstétricas e até mesmo a planta física da maternidade. Mudaram a filosofia. As adoções eram incentivadas, levando novamente o Amparo Maternal às páginas da mídia televisiva, com o escândalo das crianças enviadas ao exterior. Queimaram os prontuários e os documentos das mães atendidas. No período anterior, queimaram os documentos pessoais de Madre Domineuc, inclusive o livro no qual havia feito novamente os votos de pobreza, castidade e obediência.

No rastro do Amparo Maternal, existe muita injustiça, suor, lágrimas, incompreensão e dor. Foi tudo isso que regou essa planta que agora ainda permanece de uma certa maneira forte, após tantas tempestades e desencontros.

## Ficha Biográfica

- 1911\_\_ Nasceu na França, no dia 15 de Novembro na cidade de Rue (Somme). Recebeu o nome de Jeanne Josephine Roquet  
Infância: era pastora de ovelhas.
- 1924\_\_ Para proteger sua avó foi atingida por um cavalo, fraturando a perna e internada em um hospital dirigido por religiosas.  
Conversão para o Cristianismo.
- 1929\_\_ Ingressou no Instituto das Missionárias Franciscanas de Maria.
- 1933\_\_ Graduou-se na França como enfermeira e assistente social.
- 1935\_\_ Embarcou para o Brasil a chamado da Escola de Medicina do Hospital São Paulo, através de solicitação feita por D. José Gaspar de Afonseca e Silva, então Arcebispo Metropolitano de São Paulo.
- 1938\_\_ Fundação da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo.
- 1939\_\_ Fundação do Amparo Maternal.
- 1944\_\_ Revalidação do diploma de enfermeira pela Escola Ana Nery.
- 1950\_\_ Visita Roma e é recebida pelo Papa Paulo VI, durante o ano Santo.
- 1961\_\_ Viaja para a França.
- 1962\_\_ Retorna ao Brasil. Exclaustração\*.
- 1964\_\_ Saída da Congregação das Missionárias Franciscanas de Maria e conseqüente secularização.
- 1974\_\_ Homenageada no Congresso da Associação Brasileira de Enfermagem (Palma de Ouro).

---

\*exclaustração: recebe autorização para viver, por determinado período, fora da clausura.

- 1964\_\_ Saída da Congregação das Missionárias Franciscanas de Maria e conseqüente secularização.
- 1974\_\_ Homenageada no Congresso da Associação Brasileira de Enfermagem (Palma de Ouro).
- 1988\_\_ Homenagem do Conselho Federal de Enfermagem por relevantes serviços prestados a causa da enfermagem.
- Organização da Casa do Poço para crianças órfãs ou temporariamente sem família do Jardim Sabiá, para as mães e seus filhos, da Fazenda São Roque para mães com problemas mentais.
- 1998\_\_ Faleceu no dia 10 de março, vitimada pelo mal de Alzheimer.



## ANEXOS

## ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DA FUNDAÇÃO DO “AMPARO MATERNAL”

Aos vinte (20) dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e trinta e nove (1939), nesta capital do Estado de São Paulo, na sede provisória da instituição em organização, denominada “Amparo Maternal”, reuniram-se em Assembléia Geral, a convite das Reverendas Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, várias Senhoras Católicas de São Paulo, para deliberarem a fundação de uma instituição de caridade e beneficência, destinada a amparar as gestantes abandonadas. Assumiu a direção dos trabalhos da Assembléia a Reverenda Madre Provincial Maria do Menino Jesus, secretariando a mesma a Reverenda Madre Domineuc, Diretora da Escola de Enfermeiras Católicas do Hospital São Paulo. A Reverenda Madre Domineuc, usando da palavra, expôs perante a assistência, a finalidade da Assembléia, esclarecendo a todos o espetáculo lamentável que diariamente presenciava na Clínica Obstétrica do referido Hospital, quando, moças infelizes, totalmente desamparadas, tendo nos braços uma criancinha recém-nascida, exclamavam angustiadas: “Para onde vou agora?” “Que irei fazer?” Repetindo-se várias vezes a cena confran-

geradora, disse Madre Domineuc, ocorreu-me a lembrança de organizar-se uma instituição que auxiliasse essas moças, que as assistissem material e moralmente durante um certo tempo, antes e após o nascimento da criança, que procurasse reabilitá-las, efetuando quando possível, o casamento, reencaminhando-as para as próprias famílias ou então colocando-as em casas de famílias idôneas, de maneira a poder sustentar honestamente o filho. Animada desse propósito, fui encorajada pela adesão da Exma. Sra. Dona Úrsula de Camargo Barros e pelo gesto simpático e caridoso de distinta Senhora que ofereceu como pedra fundamental da futura instituição uma jóia que foi avaliada em quinze contos de réis (15.000). Iniciei então com o auxílio das Irmãs Franciscanas e cooperação de D. Úrsula de Camargo Barros, os primeiros trabalhos de assistência às duas moças com seus dois filhinhos em uma casa que aluguei à Rua Loefgreen, nº 1411 antigo 67. Em conseqüência, um grupo de Senhoras cujos nomes aparecem nesta ata, grandemente auxiliado pelo Centro de Cultura e Ação Social, que generosamente forneceu móveis, rouparia, e demais utensílios necessários, resolveu conosco a fundação definitiva da instituição, sob a denominação de "Amparo Maternal", elegendo a sua primeira Diretoria,

que ficou assim constituída: Presidente: D. Úrsula de Camargo Barros; Diretora, Senhorita Dina Salvatori; Secretária: Senhorita Íris Moraes Andrade e Tesoureira, Senhorita Emília Maria Monteiro Pinheiro, todas a este ato presentes.





**Marie Thérèse Laperrine**  
**03/11/1912 - 28/10/2000**

Assistente Social francesa. Trabalhou no Amparo durante 38 anos.



**Dr. Álvaro Guimarães Filho**  
**Diretor do Amparo Maternal**



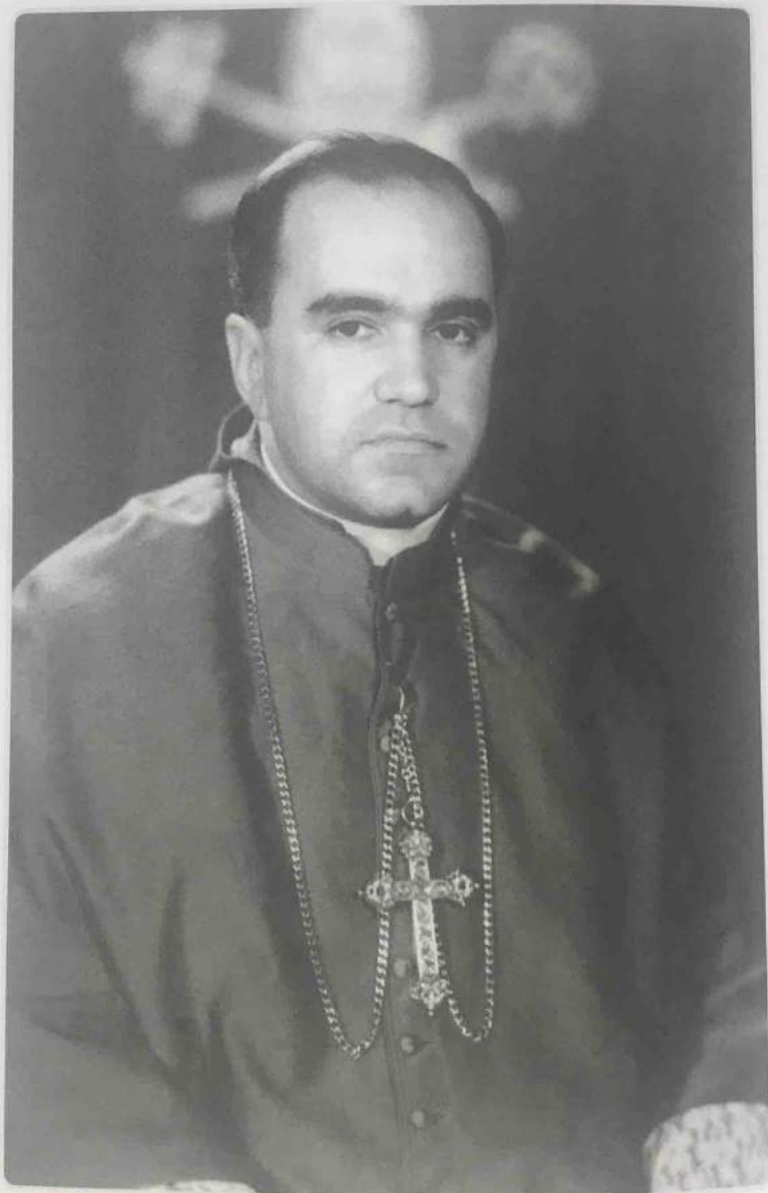
Beatissimo Padre  
Madre  
M. Domineuc

humildemente prostrada aos pés de Vossa  
Santidade implora a Benção Apostólica e  
a Indulgência Plenária in articulo mortis  
ainda mesmo que não podendo confessar-se  
nem receber a Sagrada Comunhão, só invoque  
arrepêndida com a bôca ou ao menos com o  
coração o Santissimo Nome de Jesus  
Quis dominus benigne accipit precibus.

be. Aud. Vatic. die 21 Aug. 1953.

*Adveniens*  
Archiepiscopus Adansen

Benção Apostólica do Papa Paulo VI



**Dom José Gaspar D'Afonseca e Silva**  
**Arcebispo Metropolitano de São Paulo**  
**Fundador da Escola Paulista de Enfermagem**



**Madre Domineuc nasceu na França no dia 15 de novembro de 1911.  
Em 1924 para proteger sua avó foi atingida por um cavalo fraturando a perna e internada em um hospital dirigido por religiosas.  
Nessa oportunidade converteu-se ao cristianismo.  
Em 1929 ingressou no Instituto das Missionárias Franciscanas de Maria.  
Em 1933 graduou-se na França como enfermeira e assistente social.  
Em 1935 embarcou para o Brasil a chamado da Escola Paulista de Medicina, através de solicitação feita por D. José Gaspar de Afonseca e Silva então Arcebispo Metropolitano de São Paulo.  
Em 1938 fundou a Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo.  
Em 1939 fundou o Amparo Maternal destinado a acolher as mães e as crianças mais desprotegidas da sociedade.  
Esta instituição depois foi transformada em Pronto Socorro e Maternidade.  
Atendeu até 1976 muito mais de 15.000 mulheres.  
O Amparo Maternal funciona até os dias de hoje quando este livro será publicado.  
Madre Domineuc veio a falecer no dia 10 de março de 1998.  
Guardou até o fim de seus dias os três votos que proferiu no dia de sua tomada de hábito, quais sejam; obediência, pobreza e castidade.**



9 788590 728009